

Imprimir Novo Ritmo à Luta Eleitoral

CRESCE e se desenvolve em todo o país a campanha eleitoral dos candidatos populares. As massas acolhem com entusiasmo a indicação dos nomes de homens e mulheres conhecidos do povo por sua atuação patriótica para a disputa dos cargos eletivos. Nas principais cidades do país, a campanha ganhou as ruas, surgem os comícios e multiplicam-se as reuniões, sempre cercados de enorme interesse por parte do eleitorado. Em toda parte em que se apresentam, seja na inauguração de postos eleitorais ou em assembléias de bairro e de setor profissional, seja nas portas das empresas ou nos comícios em praça pública, os candidatos populares encontram a maior receptividade, o povo os acolhe com simpatia e carinho, disposto a apoiá-los.

Isso demonstra que o povo está ansioso para votar contra a camarilha dominante, para protestar, pelo voto, contra a política de traição nacional, de arbítrio policial, fome e carestia, negociatas do governo de Vargas. O povo está descontente, há um profundo e generalizado sentimento de oposição que se manifesta em tôdas as oportunidades e que há de ganhar corpo com a campanha eleitoral.

E o trabalho eleitoral dos comunistas e seus aliados, não obstante os esforços já desenvolvidos, ainda não se encontra à altura das exigências criadas pela incontida revolta do povo contra a insuportável situação em que estamos vivendo.

Tudo indica que o nosso povo poderá impor, em outubro próximo, uma derrota aos opressores da nação. Para isso, porém, cumpre não perder um minuto e levar a campanha eleitoral a todos os trabalhadores, às massas do campo, a tôdas as camadas interessadas no combate ao entreguismo e à carestia. Trazer com audácia a campanha para as ruas, falar claramente ao povo a linguagem da luta concreta e consequente contra o Governo e seus amos norte-americanos, intensificar, em suma, o ritmo da tarefa eleitoral — eis a necessidade imperiosa do momento.

Somente assim será possível reunir, em torno de programas eleitorais comuns, a todos os democratas e forjar, em cada lugar, a frente-única eleitoral contra a política antipopular do Governo. Somente assim se há de garantir a própria participação do povo no pleito, com a derrota do infame artigo 32 da «lei eleitoral» Dario Cardoso. Esse dispositivo fascista já começa a vigorar através das medidas adotadas pelo Tribunal Superior Eleitoral, que se coloca abertamente contra a Constituição, servindo de instrumento aos cassa-votos da reação. Sem um vigoroso e amplo movimento de opinião de repúdio ao artigo 32 e em favor do projeto 4.583, que restabelece as garantias constitucionais e o livre funcionamento de todos os partidos políticos, as eleições carecerão de qualquer sentido democrático e os cidadãos não poderão cumprir o seu dever de votar e escolher aqueles que realmente interpretam suas justas aspirações.

Essa, a compreensão que devemos ter todos os democratas e patriotas e, particularmente, os comunistas. Em nossas fileiras não pode haver lugar para o ceticismo. A passividade, nesta hora, constitui um crime contra o povo. Cumpre colocar-se com energia e audácia à frente das massas, imprimir novo e pujante impulso à luta eleitoral, para que nosso povo possa derrotar a reação fascista, a serviço do imperialismo ianque, e dar um passo adiante na luta pelas liberdades democráticas e a independência nacional, na luta pelas reivindicações prementes dos trabalhadores, na luta, enfim, pelo governo democrático de libertação nacional, por um novo poder, que emane realmente do povo e se exerça exclusivamente na defesa de seus interesses.

VOZ OPERÁRIA

N.º 269 ☆ Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1954

QUEM VOTA E EM QUEM SE VOTA NO BRASIL

☆ Reportagem na página CENTRAL



5 de Julho Pela Emancipação Nacional

Leia na 3ª página

A PRIMEIRA CENTRAL ELÉTRICA ATÔMICA

UM FEITO MARAVILHOSO DA CIÊNCIA
SOVIÉTICA

Leia na 3a. pag.

NESTA EDIÇÃO

- ☆ Em marcha para o II Congresso Nacional de Trabalhadores Agrícolas — página 10
- ☆ Como preparar comícios eleitoral — pg. 11
- ☆ Nova etapa na luta pelo salário-mínimo — pg. 9
- ☆ O desespero ameaçador dos revanchistas de Bonn — pg. 2



As armas da agressão

EMPOLGA O POVO O PROJETO DE CONSTITUIÇÃO CHINESA

Num ambiente de maior animação os trabalhadores e todo o povo manifestam-se amplamente sobre o Projeto de Constituição da República Popular Chinesa. Na sequência ao lado, aparecem trabalhadores em energia elétrica que lêem durante o repouso, notícias relativas ao assunto; o Camponês Kuo Chung (com o jornal nas mãos) presidente da Cooperativa de Produção Agrícola de Chang-shuohuang, aldeia próxima a Pequim; Os estudantes da Universidade de Pequim em pleno debate do importante documento.



O Desespêro Ameaçador Dos Revanchistas de Bonn

ANTES MESMO de rearmada ao ponto em que o desejam os técnicos militares do Pentágono e os membros do estado-maior prussiano, responsável pela direção militarista que levou a Alemanha por duas vezes ao desastre nacional no espaço de uma geração, a chamada República de Bonn já se apresenta como o foco mais perigoso de guerra na Europa, como o peão mais avançado no jogo imperialista para o desencadeamento de um novo conflito mundial.

Em maio deste ano, o Bundestag votou um orçamento de 27,1 bilhões de marcos para o ano 1954-55. Sessenta e três por cento dessa cifra, ou sejam, 17,1 bilhões destinam-se exclusivamente a preparativos de guerra, pois os Krupp, os Thyssen e os outros dirigentes dos trustes germânicos restaurados estão novamente dispostos a tentar pelas armas o sonhado domínio mundial. Para o momento seus planos são simples: a Wehrmacht deve constituir a "chavira do Ocidente" a espada rutilante dos novos Siegfried que enfrentam o "dragão vermelho" em defesa da "unidade europeia", essa nova Walkiria que tanto inspira os bardos monopolistas.

Nada tão parecido com um marechal prussiano como um professor prussiano da velha escola. Não é espantoso, portanto, que o professor Adenauer, chanceler, como Hitler, das forças guerrilheiras da Alemanha use a mesma linguagem que Moltke, Ludendorff e Von Keitel souberam utilizar no passado.

A recente entrevista de Adenauer exigindo a pronta ratificação do tratado da C.E.D. pela França torna mais viva a ameaça prussiana sobre a França. O governo de Bonn já ousa exercer pressão direta sobre o Parlamento francês, dizendo-lhe por outras palavras que a Wehrmacht é coisa decidida e que só resta aos homens do Palais Bourbon escolherem a maneira de se submeter a ela. Mas o momento preferido para a declaração não se deve ao acaso: o chanceler de Bonn falou imediatamente depois de John Foster Dulles e repetiu em alemão as ameaças que este gritara em seu inglês fanhoso. Teve, portanto, previamente, as garantias de que todos os meios de pressão lhe estão livres e abertos, desde que se trate de forçar a submissão da França, onde a reação contra a C.E.D. lança por terra ministérios, divide os partidos da embaixada americana, e se transforma em irresistível polo de reagrupamento das forças políticas nacionais.

Mas Adenauer e Foster Dulles não falam só. Tiveram, como sempre, a fazer-lhes cópia o vozerio dos socialistas de direita; não se passaram vinte e quatro horas entre as ameaças do candidato a "fuehrer" e a votação do Congresso Socialista, onde o grupo de Guy Mollet, contra os desejos das bases do partido e de grande número de parlamentares e congressistas, conseguiu outra moção favorável aos tratados de Bonn e de Paris. Outro "socialista", o belga Spaak, voou apressadamente à França para tentar "dissuadir" Mendès-France.

Essas manobras não somam nenhum elemento novo àqueles com que já contava e de que se serve a diplomacia americana. Apenas se torna mais clara a pressão estrangeira e os objetivos domadores que persegue. Tais ameaças vi-

sam, sobretudo, a lançar o pânico nas fileiras daqueles grupos franceses vacilantes, apresentando-lhes um falso dilema: "escolhei entre um rearmamento alemão controlado ou conformalvos com um Wehrmacht dona de si mesma".

Mas todos vêem que as duas pontas do dilema são a mesma coisa: em qualquer caso haveria o rearmamento, alemão e não há ingênuo que suponha possível impor qualquer controle a uma Alemanha revanchista rearmada. Torna-se evidente para todos os patriotas franceses que se agora é possível impedir o ressurgimento das panzer, amanhã só restaria o caminho de combatê-las quando rolassem, conquistadoras, pelas próprias estradas da França. Essa convicção profunda que se apossa de todos os franceses sinceros torna cada vez mais difíceis as possibilidades de êxito das manobras realizadas pela camarilha política que dança o "fox-trot" norte-americano.

A arrogância de que dão provas os militaristas alemães em relação à França tem sua base no isolamento político a que esta foi votada pelos homens do Plano Marshall. Daí que ganhe novas forças no país a necessidade de um revigoramento do pacto franco-soviético, defendido novamente pelo próprio De Gaulle. As propostas de um "Tratado geral europeu de segurança coletiva da Europa", apresentadas por Molotov na Conferência de Berlim, são um novo fator de mobilização, pelas possibilidades que abriram de banir a ameaça de guerra na Europa.

Acelera-se assim o reagrupamento das forças políticas e a necessidade de uma orientação consentânea com os interesses nacionais da França põe em movimento as forças decisivas do país. Por outro lado não se pode deixar de levar em

conta que, na própria Alemanha, as forças da paz crescem e se desenvolvem e que a camarilha de Adenauer não controla o conjunto do país. Pela primeira em sua história, o povo alemão possui em uma importante parte da nação organizada em regime democrático e pacífico, que tornam a República Democrática Alemã o baluarte da paz na Alemanha e o maior obstáculo nacional, a política revanchista de Bonn. Na próprias zonas de ocupa-

ção do Ocidente, os militaristas têm um caminho pouco aplainado, e são repellidos pelo povo de maneira cada dia mais acentuada, apesar da onda de terror que dificulta a propagação democrática. Lembremos, a respeito, que nas recentes eleições da Westfália, o partido de Adenauer, embora tenha mantido a maioria, perdeu cerca de um milhão de eleitores. Além disso, mesmo nos setores capitalistas e no próprio seio do Governo começam a ganhar forças os partidários de um entendimento com a URSS, que vêm no comércio com o campo socialista a caminho acertado para a recuperação da indústria alemã.

Todos esses fatos é que levam ao desespero os fatores de guerra americanos que sonham com a herança de Hitler. Os trunfos usados agora são cartas marcadas, que já estavam no jogo, e podem ser anuladas. Mas o impulso do povo da França por sua liberdade e independência, eis uma força que ninguém poderá deter.



crônica internacional

A República Popular Chinesa, Poderoso Baluarte de Defesa da Paz

UMA DAS MAIS importantes características do momento é a crescente influência da República Popular Chinesa nas relações internacionais, como um fator decisivo de paz e de estabilidade política. As diretivas americanas visando a um isolamento da nação mais populosa do mundo, paulatinamente vão sendo recusadas pelos demais governos do próprio mundo submetido ao capital. Na Conferência de Genebra a delegação oficial chinesa ocupou o lugar que lhe era devido, apesar da oposição norte-americana, e os efeitos benéficos desse fato logo se fizeram sentir: embora tivesse sido possível aos imperialistas, ainda desta vez, sabotar a regulamentação definitiva da questão coreana, não há a menor dúvida de que substancial avanço foi obtido no debate da questão indochinesa, e no encaminhamento de várias outras questões de interesse mundial. Basta citar, por exemplo, a normalização das relações diplomáticas com a Grã-Bretanha, a intensificação das relações comerciais com esse país e o estabelecimento de contatos oficiais e diretos entre Pequim e Paris, expressos na reunião Mendès-France-Chu En-Lai e, a seguir, no amistoso jantar oferecido por Monsieur Chauvel ao chefe interno da delegação chinesa.

Depois de Genebra, novos êxitos coroaram o triunfo diplomático e político da China. As declarações sino-indianas e sino-irmãs não somente contribuíram para o melhor entendimento dos países signatários e afastam pontos de atrito entre essas nações, como se destinam a ser o ponto de partida de um poderoso movimento de repúdio ao imperialismo na Ásia, cuja extensão e profundidade nem mesmo a imprensa dos países capitalistas e os círculos políticos desses países conseguem esconder.

Se, em Londres, o «Times» reconhece que a visita de Chu En-Lai pode ter um profundo efeito em todas as relações asiáticas, e o «News Chronicle» proclama que Chu e

Nehru falaram a linguagem da paz, não fazem exceção e nisso reproduzem as observações de toda a imprensa mais responsável da Europa. Mas, também nos Estados Unidos, não passa despercebido o desastre a que chega no Oriente a diplomacia de Foster Dulles. Assim, o «Time», a conhecida revista do grupo Luce, constata amargamente que o primeiro ministro chinês foi um vencedor em Genebra, tendo colhido novos louros em sua passagem pelo Egito, a Índia e a Birmânia.

Hoje, volta à ordem do dia a questão da presença da China no Conselho de Segurança, onde seu posto continua usurpado pelos titeres de Tsaipei. Foi a ausência do representante da República Popular Chinesa que possibilitou, ainda agora, a votação ignominiosa do Conselho de Segurança remetendo à O. E. A. a queixa da Guatemala, num auxílio não encoberto aos intervencionistas lanques, pela maioria de um voto.

O medo à paz faz com que, nos Estados Unidos, os trustes façam novas ameaças, chegando ao ponto de acenar com o abandono da ONU por parte da delegação lanque, no caso de regresso da China. Eis um índice bastante de que o Departamento de Estado sente o terreno fugir-lhe sob os pés. Ninguém desconhece que mesmo a diplomacia canhestra de Mr. Dulles pensaria três vezes antes de dar um passo de tal monta que só serviria, por outro lado, para apressar o isolamento político dos mais perigosos autores de guerra norte-americanos.

O grande campo da paz, liderado pela União Soviética, alcança assim novos êxitos em sua luta ingente pela preservação da paz e o entendimento entre todos os povos. O pânico que se observa em Washington se reforça por um lado, a periculosidade dos autores de guerra, demonstra, de maneira palpável os imensos triunfos alcançados na luta da humanidade pelo desanuviamento da tensão internacional.

5 DE JULHO PELA Emancipação Nacional

AS COMEMORAÇÕES DO 5 DE JULHO tiveram, este ano, o maior brilhantismo. Por iniciativa da Liga da Emancipação Nacional, comícios e solenidades foram realizados em todo o país, dando ao 50º aniversário do movimento de 1924 o caráter de uma grande jornada pelas liberdades democráticas e a independência nacional e de solidariedade ao povo da Guatemala.

Essas comemorações assumiram maior relevo no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na Capital do país, cerca de cinco mil pessoas compareceram a um comício no Campo de São Cristóvão, onde, entre outros oradores, falaram os deputados Paulo Couto, Aarão Steinbruck e Roberto Morena, o professor Omar Catunda, o cel. Salvador Correia de Sá e Benevides, o industrial gaúcho Mário Azambuja, o dirigente da Liga da Emancipação em Santa Catarina, Aldo Dietrich e a professora fluminense Felisberta Jardim.

Ao encerrar o comício, o general Edgar Buxbaum, exortou o povo a manifestar sua solidariedade ao povo irmão da Guatemala, vítima da agressão ianque, e mostrou o imenso perigo que pesa sobre nossos povos, cuja independência encontra-se mais do que nunca ameaçada pelos monopolistas dos Estados Unidos.

DISPOSTO O POVO A VENCER NAS URNAS

A massa presente no ato recebeu com vibrante ovacão as palavras dos oradores em favor da luta pelas liberdades — por que batalharam os heróis de 5 de Julho no passado — luta que hoje se exprime concretamente na campanha pela derrota do infame artigo 32 da eleição eleitoral e em favor da rápida aprovação do projeto 4.583, que restabelece a legalidade do Partido Comunista. Detalhe expressivo que bem atesta a disposição de luta do povo, foi a iniciativa de alguns populares no sentido de coletar assinaturas para um memorial, dirigido à Câmara, exigindo a desaprovação do artigo 32. Em poucos minutos, formaram-se filas para subscrever o memorial, que recebeu centenas e centenas de assinaturas.

O povo carioca mostrou igualmente sua vontade de participar do pleito e eleger os patriotas, quando, ao ter notícia de que se encontrava entre os assistentes o candidato popular ao Senado Valério Konder, exigiu em coro a sua presença na tribuna, só cessando quando o candidato começou a falar, entre aplausos entusiásticos.

SÃO PAULO: OVACIONADO O NOME DE PRESTES

Em São Paulo, uma brilhante solenidade foi realizada no Centro do Professorado Paulista, houve missa solene na catedral, promovida pelos remanescentes do movimento de 24 em São Paulo, e foi criada uma comissão para a construção de um «panteão», para os revolucionários de 22 e 24, falecidos.

No Centro do Professorado Paulista, a sessão foi aberta pelo general Leônidas Cardoso, que recordou o ardor patriótico dos revoltosos do passado, exemplo e estímulo para a mocidade de hoje, empenhada na causa da emancipação nacional do jugo americano. Falaram ainda o desembargador Erodides da Silva Lima, em nome da Liga da Emancipação Nacional, o jornalista Jorge Cabral, o deputado José Miraglia, o escritor Abguar Bastos, o professor João Taibo Cadorniga e diversos militares ex-combatentes do 5 de Julho e da Coluna Prestes.

Durante a solenidade, foi lida uma mensagem do escritor Atonso Schmidt, em que se falava de Luiz Carlos Prestes, a maior figura do movimento de 5 de Julho. O nome do «Cavaleiro da Esperança» foi então delirantemente aplaudido pela multidão, que bradava: «Liberdade para Prestes, legalidade para o P.C.B.»



O majestoso palácio da nova Universidade de Moscou, nas colinas Lênin, é um testemunho do papel conferido à ciência pelo poder soviético. Na URSS, a ciência e a cultura atingiram a níveis nunca vistos, os conhecimentos estendem-se às massas, sempre a serviço da paz e da felicidade do homem.

A PRIMEIRA USINA ELÉTRICA ATÔMICA

Um Feito Maravilhoso Da Ciência Soviética

ESTA SEMANA, um grande sucesso iluminou os caminhos da paz e do progresso para a humanidade. O fato chocou os maníacos da guerra, os supermagnetas que ameaçam o mundo brandindo a bomba-atômica. Mas trouxe alegria e novas esperanças para os povos amantes da paz. O acontecimento nos veio na forma de um simples e conciso comunicado do Conselho de Ministros da União Soviética.

Texto do Comunicado

«Na atualidade, graças aos esforços dos cientistas e engenheiros soviéticos, foram coroados de êxito na União Soviética os trabalhos de projeto e construção da primeira central elétrica industrial à base da energia atômica, com uma potência útil de 5.000 quilowatts.

A 27 de junho de 1954, a central elétrica atômica foi posta em funcionamento e começou a fornecer energia à indústria e à agricultura das zonas próximas.

Pela primeira vez uma turbina industrial funciona não à base da combustão do carvão ou de outras espécies de combustível, mas com energia atômica obtida mediante a desintegração do núcleo do átomo de urânio.

Com o funcionamento da central elétrica atômica foi dado um passo verdadeiro na utilização da energia atômica para fins pacíficos.

Os cientistas e engenheiros soviéticos estão realizando trabalhos para criar centrais elétricas industriais à base da energia atômica com uma potência de 50.000 a 100.000 quilowatts.»

O QUE REPRESENTA A ENERGIA ATÔMICA PARA O IMPERIALISMO

Desde que o desenvolvimento da ciência tornou possível a utilização da energia contida no átomo, abriu-se a perspectiva de um novo brilhante progresso da técnica. Hitler e os imperialistas norte-americanos, porém, preocuparam-se desde logo com a utilização da energia atômica para fins de guerra. Conseguiram o seu intento e o resultado foi a destruição impiedosa de Hiroshima e Nagasaki, seguida da política de chantagem atômica contra a União Soviética e o campo democrático.

Essa política, em que depositavam suas esperanças os novos candidatos ao domínio do mundo —

os monopolistas norte-americanos — fracassou inteiramente, graças aos esforços da ciência de vanguarda da U.R.S.S., que cedo descobriu a técnica da utilização da energia atômica e construiu armas atômicas para proteger o mundo da ameaça dos belicistas de Wall Street.

Uma questão surgiu desde logo, de grande interesse para a humanidade: por que não aproveitar a energia atômica para fins pacíficos? Mas como e quem haveria de fazê-lo? Nos Estados Unidos, isso seria impossível, porque o capitalismo americano, em sua última fase de decadência

e podridão, é inimigo de todo verdadeiro progresso técnico. Os inventos se chocam com os interesses dos grandes trustes. A esses só interessa o que produz lucros máximos e sua grande fonte de lucros na atualidade é a guerra, o morticínio de povos. Assim, para os belicistas ianques só contam as bombas de poder destruidor sempre maior, com que pretendem subjugar os povos pela violência e o massacre.

ONDE A CIÊNCIA ESTÁ A SERVIÇO DO HOMEM

Mas, ao lado do mundo putrefacto do imperialismo, existe, mais poderoso e em pujante ascenso, o mundo novo do socialismo. Na U.R.S.S., tudo o que serve ao homem encontra todas as condições para se desenvolver. A URSS — como a todos os povos — o que interessa é a paz, o progresso ininterrupto. Assim, enquanto cuidava de sua defesa, fabricando as armas para, se necessário revidar os golpes do inimigo e defender a paz, a União Soviética orientava e orienta os pesquisadores para o aproveitamento da energia nuclear em benefício da indústria. Dessa forma, foi utilizada a energia atômica para a derrubada de montanhas e a execução de grandes projetos. Agora, um grande resultado é anunciado com a construção da primeira usina elétrica atômica.

ANUNCIANDO O COMUNISMO

Uma nova forma de energia passou a ser utilizada pelo homem para transformar a natureza

e tornar mais farta e bela a vida humana. Essa é uma realização somente possível num país em marcha para o comunismo. Ao lado das grandes obras que se levam a cabo da U.R.S.S., a usina atômica anuncia o advento da época grandiosa do comunismo. Esse fato incrementa as esperanças e os desejos dos povos de dias melhores, por um mundo de paz e felicidade. E representa enorme estímulo, para a luta pela paz. Estimulando-os a lutar pela paz e pela interdição das armas de destruição em massa.

A SOLIDARIEDADE DOS POVOS LIBERTOU LOPEZ RAYMUNDO

LOPEZ RAYMUNDO, o bravo combatente antifranquista, foi libertado dos cárceres de Franco e chegou ao México, são e salvo! A notícia encheu de júbilo a todos os democratas, aos milhões de partidários da paz, aos amigos do heróico povo espanhol espalhados pelo mundo inteiro.

Lopez Raymundo foi um dos dirigentes da famosa greve geral de Barcelona, há quatro anos atrás, saudada como o primeiro e mais vigoroso movimento de protesto contra o fascismo espanhol desde que Franco, com o auxílio das potências imperialistas, estabeleceu seu regime de terror contra o povo de Espanha. Sua prisão, àquela época, despertou imensa onda de solidariedade e protestos em todos os países. Temia-se por sua vida em mãos dos carrascos franquistas. De toda parte ergueu-se o clamor popular pela salvação de Lopez Raymundo. Os franquistas conservaram-no vivo, era a primeira vitória da solidariedade mundial.

O movimento prosseguiu pela libertação do bravo antifascista. Durante quatro anos Lopez Raymundo padeceu toda sorte de torturas e humilhações no imundo cárcere do aliado preferido dos imperialistas: o bandido Franco. Mas a solidariedade dos povos conseguiu finalmente arrancá-lo da enxada e trazê-lo para o convívio com seus irmãos mexicanos.

A libertação de Lopez Raymundo constitui uma brilhante vitória da solidariedade.



Ela deve servir de poderoso estímulo para a luta pela libertação de Agliberto Vieira de Azevedo, o patriota brasileiro encarcerado por Vargas. Indica-nos que a solidariedade dos povos pode obter e obterá a liberdade dos dirigentes operários e populares encadeados, particularmente de Jesus Faria, Alvaro Cunhal e Salvador Cayetano Carpio.

Os Mineiros de S. Jerônimo E o Programa do P.C.B.

ATHOS ALVES

(S. Jerônimo — R.G. DO SUL)

DESDE as suas primeiras palavras, o Programa do P.C.B. cala fundo no coração dos mineiros de São Jerônimo. Entre as riquezas naturais de nosso país que o Programa menciona está o carvão que diariamente é extraído do sub-solo pelos mineiros de São Jerônimo. Dos cinco mil mineiros, que trabalham nas minas do Butiá, do Arroio dos Ratos e Leão, depende em grande parte todo o transporte ferroviário do Estado, a «Energia Elétrica» de Porto Alegre que ilumina a cidade, aciona a indústria e os bondes para o transporte da população.

Em discurso pronunciado na Assembléia Legislativa, em julho de 1947, o mineiro e deputado comunista Manoel Jover Teles, citou a declaração do então diretor do CADEM, Roberto Cardoso lembrando que, nas minas de São Jerônimo, existe carvão sondado para o trabalho de 20 anos, numa média de duas mil toneladas diárias. Mas, apesar destas possibilidades, como mostra o Programa, a situação do povo brasileiro é cada dia mais penosa e insuportável.

Estas verdades calam fundo no coração dos mineiros que vivem e trabalham em condições desumanas. O desenvolvimento de nossa indústria carbonífera é entravado pelos imperialistas americanos e pelos seus lacaios no governo. Os americanos precisam do mercado brasileiro para escoamento de sua produção. A Cia. Siderurgica Nacional de Volta Redonda que, em 1947, consumia 28% de carvão nacional, em 1952 consumia apenas 28%, tendo baixado depois para apenas 20% de carvão nacional. Os 80% restantes provêm dos Estados Unidos. Por outro lado os mineiros de São Jerônimo suportam brutal exploração do CADEM que, sedento de lucros, descarrega contra os mineiros as consequências da crise e da concorrência dos monopólios americanos, num total desprezo pela vida dos mineiros e de suas famílias.

As montanhas de pedra que se incendiam em roda do poço 2 na Vila do Butiá desprendem uma fumaça que mata as plantações de eucalipto e corrói os arames das cercas. Essa fumaça invade todo o dia as casas em que moram os mineiros. Da Vila São José, próxima a esse poço, saíram num só dia seis enterrados de crianças. O hospital iniciado no ano de 1945 com o dinheiro dos mineiros até hoje não funciona. O edifício foi utilizado para colégio com matrícula e mensalidades pagas, enquanto os mineiros do Butiá e suas famílias morrem por falta de assistência médica e hospitalar. Os mineiros que se acidentam à tarde ou à noite não recebem assistência dos médicos da Caixa, que só atendem de manhã, o que obriga os operários a perderem um dia de salário e mais o remunerado correspondente.

Os mineiros, para se abastecerem no trabalho, os antigos trabalhadores que precisam mudar de casa, uma ligação de luz, etc., são obrigados pela companhia a assinar um compromisso de duas horas de prolongamento, o que anula a lei de seis horas de trabalho. Iludindo os operários, a companhia criou um barracão que chama de cooperativa, descon-

tando em folha dos mineiros uma cota de mil cruzeiros. Dessa forma, além do imposto que sonega, só no Butiá, comercial com mais de 500.000 cruzeiros dos mineiros que em lugar de dinheiro recebem vales na boca do poço. E quando, por doença ou acidente, os mineiros se encontram sem salário não têm direito de fazer compras nessa «cooperativa» nem lançar mão dos mil cruzeiros que lhes foram descontados. Se o fizerem, perdem o direito por seis meses aos fornecimentos do barracão.

O Programa se refere à baixa do salário real, ao desemprego, às multas e às violências do governo contra os operários. Esta parte do Programa define o que cada mineiro suporta e sente, o que contribui para que cada mineiro faça do Programa do P.C.B. seu próprio programa de luta. Os mineiros sentem na própria carne a vil política de tração nacional do governo de Vargas representante dos latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo americano, governo que tudo faz para facilitar a penetração do capital americano em nossa terra e a completa colonização do Brasil pelos Estados Unidos. Com efeito: as mercadorias sobem de preço dia a dia, os envelopes de pagamento são feitos segundo a vontade da companhia — ela é que pesa o carvão, ela é que calcula a porcentagem de pedra. No Leão, os empregados passaram a receber em lugar de 80 pela tonelada de carvão, 85 cruzeiros. Mas o desconto de 30% da porcentagem de pedra passou para 40%, o que reduziu 3,50 por tonelada além do aumento concedido. Os ajudantes ganham 60%, não em relação à média tirada pelos diversos tocadores, mas pelo que tira menos. Quem protesta é despedido ou perseguido até tirar as contas. Os acidentados não recebem os dois primeiros dias de seguro que a lei prevê que devem ser pagos pela companhia. Os mineiros que se recusam a trabalhar 8 e 10 horas são perseguidos e colocados nas galerias de pouco rendimento. A companhia utiliza o método do trabalho por tarefa, atirando uns mineiros contra os outros. Um mineiro que ganha 18,70 em chapa, o que dá um total de 486,20 em 26 dias em chapa, mais os 600,00 da frequência 100% e os 116,00 do remunerado, percebe um total de 1.212,20. Mas se faltar três dias do mês seu salário é reduzido a 430,10. A maioria dos mineiros percebe de 12,00 a 16,70 em chapa.

Com lutas, os mineiros conseguiram que caminhões os transportassem ao serviço, mas essa conquista foi anulada pela companhia.

A diretoria do Sindicato foi eleita há quase dois anos pela esmagadora maioria dos mineiros. Entretanto, apesar de todos os protestos, inclusive o da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, o sin-

dicato permanece nas mãos da junta governativa, tendo à testa, o pelego Dica, que contrariando os Estatutos do Sindicato, negou a 1.ª de Maio uma assembléia para debate do salário mínimo e do congelamento dos preços. Tudo isso acontece porque, como afirma o Programa do P.C.B., os latifundiários e grandes capitalistas voltam-se para os imperialistas americanos porque sentem medo crescente do povo. Através do governo de Vargas e com o apoio dos dólares e das armas americanas querem defender seus privilégios e impedir o progresso do Brasil, condenam a maioria da nação à miséria e à escravidão e o próprio país ao estancamento, ao atraso e à decomposição. Por isso, com ordem de Vargas e Dorneles, é mantido dentro do CADEM um contingente da Brigada Militar a serviço da Companhia, estando os soldados pagos com o dinheiro do povo Ratos.

Enquanto isso a tuberculose e as doenças profissionais abatem a grande maioria dos mineiros, a insegurança e a falta de higiene no trabalho revelam o total desprezo pela pessoa humana. Nestes últimos dois meses, um operário perdeu a vida esmagado por um deslocamento quando trabalhava no povo. Três outros operários ficaram presos aos cabos elétricos de alta tensão que permanecem descobertos e são uma permanente ameaça à vida dos trabalhadores. A título de economia foi abolida o serviço de cubos, bem como as instalações sanitárias. No poço três os mineiros são



obrigados a fazer suas necessidades fisiológicas nas galerias e reais abandonadas, o que torna o ar infecto e põe em perigo a saúde dos mineiros.

As vagonetas perdem as alças, não há consertos e vários mineiros tiveram as mãos decepadas por causa disto. Para os filhos dos mineiros nem se fala em escola primária e profissional, pois, premidos pela miséria, seus pais são forçados a empregá-los na mina. O serviço de peneira e trapiche é quase em sua totalidade executado por menores desde 12 anos, durante o dia e a noite, expostos ao frio e à chuva, trabalhando de 8 a 12 horas por dia, com salários de 12 a 18 cruzeiros. Assim se consume a nova geração, o futuro do Brasil.

A situação dos mineiros do Butiá, dos Ratos e do Leão só terá solução definitiva com a aplicação dos 45 pontos do Programa do P.C.B.; dos pontos que interessam mais diretamente aos mineiros que são: Ponto 31 fixação

do salário-mínimo vital que assegure condições de vida normais e humanas para os operários e suas famílias em todo o país. Salário igual para igual trabalho sem distinção de sexo, idade, de nacionalidade; Ponto 32. Aplicação efetiva da jornada de trabalho de 8 horas e da semana de 48 horas para todos os trabalhadores. Jornada de 6 horas para os que trabalham no subsolo ou em profissões insalubres e para menores; Ponto 33. Democratização da legislação social, sua extensão aos trabalhadores das empresas estatais e aos assalariados agrícolas. Os sindicatos fiscalizarão a justa aplicação da legislação social; Ponto 34. Garantia da livre organização e do livre funcionamento das organizações sindicais. Os sindicatos terão o direito de realizar livremente contratos coletivos de trabalho com as empresas privadas e estatais e de fiscalizar a sua execução; Pon-

to 35. Assistência e previdência social por conta do Estado e dos capitalistas, todas as formas inclusive os desempregados. Apoiadoria e pensão, bem como auxílio aos acidentados no trabalho, de acordo com as necessidades vitais dos trabalhadores e suas famílias. Administração e controle de Institutos e caixas de aposentadorias e pensões por sindicatos; Ponto 36. Abolição das formas de trabalho forçado, das leis de militarização do trabalho e das multas, inclusive por motivo de falta ao trabalho.

Os mineiros lutam desde já pelas reivindicações do Programa do P.C.B. E apóiam a campanha eleitoral como um meio de derrotar os reacionários e entreguistas e de eleger os patriotas, divulgando ao mesmo tempo o Programa. Assim os mineiros darão a sua contribuição à formação de uma frente democrática de libertação nacional. Quanto a donos da mina, cabe-lhes colher: se se colocarem ao lado do Brasil, ao lado do povo, terão seus interesses protegidos, mas se preferirem a proteção do dólar e ligarem seu destino ao destino do imperialismo americano serão considerados traidores e terão o tratamento que merecem os traidores.

Os Camponeses Já Sabem A Causa Da Sua Miséria E Sofrimento

Antônio Maria Santos

(Salvador — BAHIA)

O PONTO 37 do projeto de Programa é sem dúvida, a aspiração máxima das camadas mais pobres do campo, dos assalariados agrícolas, dos camaradas, colonos e peões, de todos aqueles que em nosso país vendem, por diversos meios e formas a sua força de trabalho no campo.

São homens e mulheres que em toda a sua vida trabalharam a terra, milhões de brasileiros que lutaram e lutam pela posse da terra e que jamais conseguiram o direito sequer a uma quadra de terreno. Mas o projeto de Programa lhes indica o caminho certo, o caminho da reforma agrária, verdadeiramente revolucionária, com o confisco dos latifúndios e distribuição gratuita da terra a quem nela queira trabalhar. Esta é sem dúvida a bandeira em torno da qual se unirão as massas camponesas, é a bandeira que a classe operária levanta bem alto que será erguida e desfraldada ao vento, pelos milhões que vivem no campo.

Os camponeses já sabem hoje porque aqueles que realmente trabalham a terra jamais conseguem alcançá-la. Sabem que a causa principal dessa situação é o domínio do Brasil pelos imperialistas norte-americanos e pelos grandes latifundiários, senhores de imensas terras, de inúmeras e grandes fazendas de café, de cana e de vastas pastagens. A terra lhes é garantida como um «direito sagrado». De «sagrado», entretanto, só têm a força de um governo inimigo dos camponeses, governo de uma minoria que oprime e esmaga pela força a maioria absoluta de nosso povo. Todos os camponeses conhecem a justiça de classe, a justiça a serviço da opressão.

Todos os camponeses conhecem os crimes da polícia, que protege os jagunços dos latifundiários contra a massa camponesa. Nenhum camponês esque-

ceu os crimes praticados, assassinios impunes, as calças, as orelhas cortadas, ranchos incendiados, a metralha na estrada, as prisões injustas que constituem o rosário de arbitrariedades próprias de um regime que domina uma classe opressora. E sob o regime de Getúlio que tudo isso se praticou. E Getúlio quem, em todos os meios, impediu a terra passe às mãos do povo. Tudo isso acontece porque os latifundiários possuem e exploram cada vez mais camponeses, garantindo-lhes os lucros cada vez maiores, com mão-de-obra barata à sua disposição. Os leis atuais em todo favorecem os latifundiários e grandes fazendeiros. Justiça somente para a classe dominante, a serviço dos exploradores contra os explorados burocrática e cara, com qual os camponeses nunca podem contar.

Dentro das transformações que o projeto apresenta, o ponto 15: «Justiça rápida e gratuita com juizes e tribunais eleitos pelo povo», o ponto que levado à prática pelo futuro Governo Democrático de Libertação Nacional, determinará, pela primeira vez na História de nosso povo, uma justiça honesta a serviço da maioria absoluta do povo.

Mas, para que esta transformação se efetue e todas as outras transformações possam ocorrer, é necessária a substituição do atual governo de guerra e traição nacional.

Que todos nós, patriotas em nossa ação diária, lemos e discutamos o projeto de Programa do P.C.B. ajudando a forjar, quanto antes, a aliança operária-camponesa que será a base da frente-única ant imperialista e antifeudal e libertadora do Brasil da política de guerra e fome executada por Vargas.

Façamos do Programa nossa bússola

OTONIEL TAVARES

(Campinas — S. PAULO)

quase diariamente. Não se pode falar em melhor padrão de vida para o proletariado sem ser logo chamado de «traidor».

Entretanto, as coisas terão que mudar de rumo, pois, já temos em nossa mão o Programa que Prestes nos deu e tomaremos como bússola. Em tempo que não está longe, não mais teremos em nossa terra missões lanques espionando, sabotando e saqueando. Não teremos os Chatôs caluniando, deturpando e enganando.

Não teremos também enfermos e mendigos pelas ruas a futura sociedade dará remédio para o doente, trabalho para o mendigo que os tubarões recusaram e terá também escolas para os analfabetos. Não haverá interesse em se enganar este ou aquele.

O mundo foi feito para todos. Não é mais tempo de enganar e de trazer milhões de brasileiros escravizados a meia dúzia de figurões desumanos, desonestos e tiranos.

Façamos do Programa do P.C.B. do Programa de Prestes, a nossa bússola. Devemos discuti-lo e para isso é necessário estudá-lo. Esclareçamos os nossos amigos e enviemo-lo aos parentes distantes.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

PERGUNTA — Sou um jovem comunista. Sinto que o Programa do Partido tem imensas possibilidades entre a juventude. Como ganhar as massas juvenis para o Programa? (Luiz P. Castro — Distrito Federal).

GANHAR AS MASSAS JUVENIS PARA O PROGRAMA DO P. C. B.

RESPOSTA — Ganhar as massas juvenis para o Programa do Partido significa trabalhar com o Programa, trazê-lo à luz da vida a cada passo de nossa atuação entre os jovens: agitar e fazer propaganda das soluções apresentadas no Programa para os problemas da juventude e simultaneamente organizar a juventude em torno de suas aspirações e interesses. Para ganhar as massas juvenis para o Programa, precisamos estar intimamente ligados às massas juvenis, viver os problemas da juventude e estar onde estão os jovens.

O Programa do Partido é um manancial inesgotável para o trabalho entre a juventude. A situação dos jovens brasileiros se reflete com exatidão no Programa do Partido. Isso não acontece nem pode acontecer com os partidos dos latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas americanos, não acontece nem pode acontecer com o P.S.D., P.T.B., U.D.N., P.S.P., P.S.B. com nenhum outro Partido. Os partidos das classes dominantes só se lembram da juventude para pedir-lhe votos nas vésperas das eleições e fazer promessas que a própria atuação dos seus representantes nos órgãos do governo mostra que são enganosas e cínicas, pois a situação da juventude só se tem feito agravar nos últimos tempos. A maioria da juventude brasileira não acredita nesses partidos mas ainda não encontrou seu caminho, o caminho da luta por uma vida digna.

Mas por que isto acontece? Se a situação da juventude mostra que há todas as condições para ganhar as massas juvenis para o Programa do Partido, e a juventude ainda não se agita em torno das soluções apresentadas pelo Programa fazendo dessas soluções uma coisa sua, lutando pela aplicação do Programa com o ardor e o entusiasmo característicos dos jovens, é porque não trabalhamos de maneira justa com o Programa.

Os comunistas combatem o espontaneísmo, trabalham com planos e de forma organizada. Sabem que as massas juvenis não vêm espontaneamente para as suas fileiras de combate, mas que precisam ser despertadas para a luta em torno de seus interesses. Grande número de jovens operários, estudantes e populares, em 1935, ouviram o apelo de Prestes e ingressaram nas fileiras da Aliança Nacional Libertadora, da Juventude Comunista, da organização popular de massas. Por que isto aconteceu? Porque o apelo de Prestes chegou às massas juvenis e tocou o coração generoso dos jovens que viam no Programa de Prestes a solução dos seus problemas. Hoje são consideravelmente mais favoráveis as condições para o trabalho entre os jovens. Agravaram-se os problemas da juventude. O Programa do Partido reflete de forma justa esses problemas e lhes dá as únicas soluções possíveis. O Programa de defesa da juventude, Programa Nacional de Paz, da Independência Nacional, de transformação

de Brasil numa grande pais. O que temos a fazer, portanto, é ir à juventude. Mas para levar o Programa do Partido às massas juvenis, fazer com que ele se transforme no Programa da juventude, não bastam, é claro, somente a agitação e a propaganda. É indispensável a ação, a atividade permanente, constante e persistente dos jovens comunistas entre as massas juvenis, nos locais de trabalho e de residência, nas associações e nos clubes recreativos e culturais, nas ligas esportivas nas organizações de massas

de toda a espécie. É indispensável, inclusive, o trabalho individual junto a cada jovem operário, empregado, estudante. Isto significa que é necessário intensificar a vida política das organizações de base da Juventude Comunista, que estas debatam e estudem os problemas dos jovens em cada local em que atuem, a fim de que possam ligar esses problemas às soluções apresentadas no Programa do Partido e, assim, levá-los de maneira justa diante dos jovens. Temos que falar aos jovens a linguagem do patriotismo, da coragem, da audácia. Falando a linguagem que os jovens compreendem, a sua linguagem, mais facilmente ganharemos as massas juvenis para as posições do Programa.

Os jovens comunistas devem usar no seu trabalho diário o método da persuasão, procurar convencer através de argumentos des-

prezados como pernicioso, nas organizações de massas juvenis, o método do cordão e mando, a imposição. Para atuar de forma acertada e ir ao fundo do coração da juventude, os jovens comunistas precisam combater e extirpar o sectarismo. Precisam ser amplos, arrojados, joviais. Precisam ter naturalidade e modestia, não falar às massas juvenis em tom doutoral, ao transmitir um ensinamento não assumir atitude pretensiosa e fátua. Desse modo conquistarão a estima e a confiança dos jovens.

Um jovem comunista não pode ser um «manifesto de carne e osso» que repete formulações estereotipadas e se lhe é feita uma pergunta ligada à situação da nossa juventude, não sabe responder e começa a fazer rodeios e frases. Ao colocar-se à frente das massas juvenis, levantando seus problemas e defendendo seus interesses, o jovem comunista deve atuar impregnado de amor e entusiasmo pela sua tarefa, deve ter paciência para com os jovens mais atrasados, deve dedicar a máxima atenção aos seus problemas.

Argumentando com fatos concretos que o desenvolvimento da vida a cada hora oferece em maior abundância o jovem comunista deve contrastar a situação de penúria das massas juvenis no Brasil, fatos revoltantes e típicos da falta de direitos da juventude, como o metramento dos jovens paraenses por ordem do general fascista

Veríssimo, com a vida livre, próspera e feliz dos jovens operários, camponeses e intelectuais na União Soviética e nos países de democracia popular. Na União Soviética, por exemplo, onde o ensino é gratuito, além disso os estudantes técnicos e superiores são remunerados pelo Estado, de acordo com o seu grau de aproveitamento. Quanto melhores notas e exames, melhores vencimentos percebem. No Programa do P.C.B. são levantadas reivindicações concretas de todos os jovens. Ao invés dos preços proibitivos dos livros e taxas escolares, que vigoram sob o atual regime de latifundiários e grandes capitalistas, o Programa preconiza que o Estado assegurará aos estudantes livros didáticos e materiais escolares a baixo preço. O Estado democrático-popular levará a termo a redução gradativa de todas as taxas escolares. Garantirá emprego aos jovens diplomados nos cursos secundários, técnico e superior, livrando-os do espantoso do desemprego depois da formatura.

Como este item do Programa do Partido, muitos outros dizem respeito à juventude. Salário igual para trabalho igual. A democratização das forças armadas o livre acesso das praças ao oficialato. Direito de eger e ser eleito a todos os cidadãos que tenham completado 18 anos, independentemente de sexo, bens, nacionalidade, residência e situação. Estimulo às atividades científicas,

LUTAR CONTRA O GOVERNO DE VARGAS

PERGUNTA — Sendo um programa de partido um documento para um longo período, é justo colocar no Programa do P. C. B., a luta contra o governo de Vargas?

J. B. Veloso — (Nilópolis — Est. do Rio).

RESPOSTA — Sim. É necessário lutar contra o governo de Vargas. É justo figurar no Programa a luta pela derrubada do atual governo. Preconizando a luta pela derrubada do atual governo, o Programa dá uma perspectiva clara ao Partido e às massas, apresenta-lhes um objetivo concreto de ação e de luta. Mas

cas, literárias e técnica de caráter pacífico. Proteção e estímulo aos esportes e à educação física do povo. Construção pelo Estado de campos de esporte, ginásios, piscinas, estádios populares. Ajuda do Estado à construção de casas, de modo a assegurar residência digna e barata para a população trabalhadora.

O estudo cuidadoso do Programa, sua propaganda enriquecida com os novos fatos que a realidade a cada hora oferece, capacita os jovens comunistas a levar o Programa do Partido às massas juvenis, a debater-lhe diante dos jovens operários, camponeses e intelectuais, e apresentar de forma viva e flexível as suas soluções como únicas soluções que interessam à juventude e, desse modo, ganhar as massas juvenis para o Programa do P.C.B.

não apresenta uma palavra de ordem de ação imediata, não conclama à derrubada imediata do governo, à aventura e ao putchismo estranhos à teoria e aos métodos de ação dos comunistas e, por isso mesmo, em choque flagrante com a linha do Partido. A estratégia e a tática do Partido que se apreendem do Programa são concebidas à base da conquista das massas para as posições do Programa à base da agitação propagandística e organização num processo simultâneo à base das ações e das lutas de massas. Todo o Programa está impregnado do princípio leninista de que a vanguarda por si mesma não vence, precisa do apoio das mais amplas massas e aliados.

O contrário disto aconteceria se o Programa em vez de colocar a necessidade da derrubada do governo de Vargas se limitasse a formulações imprecisas, falas se apenas em lutar contra o regime, que é coisa bastante vaga e não faz mover ninguém. Qualquer oportunista estaria de acordo com tal formulação, que não coloca objetivos concretos que não dá nome aos bois. Falar vagamente contra o regime é coisa cômoda. Leva água ao moinho dos que dizem que não adianta lutar contra o governo de Vargas.

Coisa inteiramente diferente, entretanto, pelo seu conteúdo revolucionário e mostrar, como o faz o Programa, que se queremos livrar-nos da dominação americana e arrancar nosso povo da situação de atraso, miséria e ignorância em que vive, é indispensável acabar com o atual regime de latifundiários e grandes capitalistas a serviço do imperialismo americano, derrubar o governo de Vargas. É claro que não se trata de palavras. Trata-se de tomar a frente das massas nas suas ações e dar-lhes conteúdo revolucionário, encaminhando-as para os embates mais sérios com as forças da reação.

O Programa deixa claro que não se trata de uma simples mudança de homens no poder, manobra tão ao gosto das classes dominantes para enganar o povo, mas assinala também, quando liga a sorte do governo de Vargas ao atual regime reacionário e caduco, que este governo é, que representa o regime e, portanto, para substituir este regime pelo regime democrático-popular é preciso derrubar o governo de Vargas e substituí-lo por um governo democrático de libertação nacional. Não é como se vê uma questão de datas, nem de hipóteses. Não se trata de que o governo Vargas pode ser substituído por outro igual ou pior, mas de uma questão concreta de qual não se pode fugir, de uma luta por um objetivo atual. Esta a razão por que é justo figurar no Programa do P.C.B. a luta pela derrubada do governo de Vargas, governo antipopular e antinacional, responsável pela situação de miséria que atravessa o nosso povo.

A Campanha Eleitoral e a Luta Pelos Objetivos do Programa

PERGUNTA: Compreendo que, como diz o Programa, a luta revolucionária, a derrubada do atual governo, é uma necessidade para resolver os problemas de nosso povo. Como explicar, então, a nossa participação nas eleições que se realizem dentro desse regime pátrio e inimigo do povo?

Mário P. Carneiro — Bagé — Rio G. do Sul.

RESPOSTA: — Seria completamente errôneo e profundamente prejudicial à causa da revolução brasileira considerar a campanha eleitoral como uma luta à parte, isolada e sem nenhuma relação com a tarefa histórica de unir e esclarecer as grandes massas de nosso povo para converter em realidade o Programa do P.C.B.

Para transformar o Programa dos comunistas em programa de todo o povo, é indispensável que toda a nossa atividade seja voltada para as massas, que saibamos participar de todas as lutas e encabeçá-las de modo a que as massas de milhões de brasileiros não só participem cada vez mais ativa e conscientemente da vida política como também se convençam pela sua própria experiência da justiça e da viabilidade do Programa do P.C.B.

É evidente que a luta eleitoral põe em tensão todas as forças e correntes políticas, obriga-as a se dirigirem às massas e força o próprio Governo a mostrar sua verdadeira face, na medida em que o povo levanta a bandeira de suas reivindicações econômicas e políticas. Agora mesmo, estamos vendo como a luta entre as forças patrióticas lideradas pela classe operária e seu Partido e a reação servil ao imperialismo americano se manifesta abertamente no plano eleitoral. Por meio do artigo 32 da Lei Eleitoral de emergência, os latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo americano pretendem anular completamente o direito de voto, afastar o povo das eleições, impondo o atestado de ideologia para o registro dos candidatos. A resposta das forças populares e patrióticas é o projeto 4.583, subscrito por 65 deputados de todos os Partidos e que permite a legalidade do Partido Comunista. Com a aproximação do pleito eleitoral as massas são

despertadas para a vida política, procuram soluções para os seus problemas e por isso tornam-se mais receptíveis às palavras de ordem de nosso Partido e às lutas crescentes.

Tudo isto mostra claramente que grandes conquistas pode nosso povo alcançar através da campanha eleitoral. Realizando uma política de unidade, os comunistas não renunciam à difusão, popularização e esclarecimento do Programa do P.C.B. E' o que está claramente expresso na entrevista de Prestes, quando declara: «Toda a política de nosso Partido se baseia na necessidade de derrotar a minoria reacionária que em nosso país realiza a política dos monopolistas norte-americanos. Contra esse punhado de traidores, existem todas as condições de unir brasileiros de todas as classes e camadas sociais, independentemente de crenças e opiniões políticas e sejam quais forem os partidos a que pertençam».

Na mesma entrevista, diz o camarada Prestes que os comunistas, na luta eleitoral, levam o Programa às grandes massas e avançam na unificação das forças antifascistas e antiimperialistas para a luta pelos objetivos do Programa.

O governo vende-pátria de Vargas e seus patrões americanos sentem-se inseguros e temerosos diante do desenvolvimento da campanha eleitoral. Eles temem a eleição dos patriotas e a derrota dos entreguistas, da camarilha que vende o Brasil aos americanos.

Por intermédio das eleições, além do que foi dito, as forças patrióticas e à sua frente os comunistas, conquistam tribunas nas diversas casas legislativas, desde as Câmaras Municipais até o Congresso Nacional, para transformá-las em tribunas a serviço dos interesses do povo, a serviço da luta pelos objetivos do Programa.

Como se vê, seria descabido supor, de um lado, que a participação dos comunistas nas eleições implique em deixar de lado a luta pela derrubada do governo de traição nacional de Vargas, e, de outro, imaginar que as tarefas eleitorais — alistamento, postos eleitorais, comícios, campanha dos 50 milhões, etc. — afastem os comunistas da sua missão de esclarecer, unir e organizar as massas para a luta pelos objetivos do Programa. Pelo contrário: na campanha eleitoral pode-se agora mais facilmente desmascarar e isolar o governo liberticida e de traição de Vargas, na campanha eleitoral pode-se organizar um gigantesco protesto de nosso povo, o protesto patriótico de que fala Prestes.

**Parlamentares do Povo
Nos Braços do Povo**



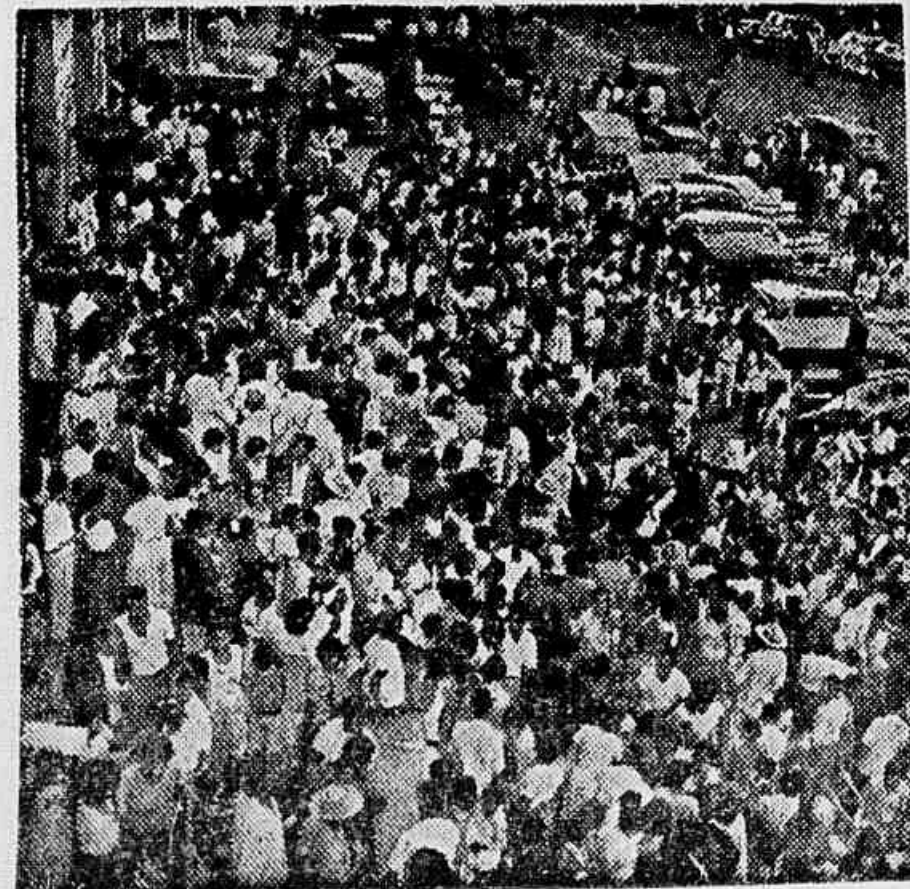
Aristides...



Miranda...



Antenor



Quem Vota e em Quem se Vota No Brasil

A camarilha vende-pátria de Getúlio tenta anular os direitos dos cidadãos — A Justiça Eleitoral coloca-se fora da lei — O povo brasileiro, com sua união combativa, foi vitorioso o projeto 4.583

HA POUCO realizaram-se na República Popular da China as maiores eleições do mundo. O alistamento eleitoral no país mais populoso da terra foi feito à base do primeiro recenseamento completo empreendido na China. Pôde assim o governo anunciar a verdadeira população chinesa — 602 milhões de habitantes. Este fato revela a intensidade do trabalho de alistamento, que atingiu todos os lares chineses, envolvendo realmente toda a população. E mostra com toda a evidência que o direito de voto foi concedido de fato a todos os cidadãos. A China é uma democracia popular. O governo não teme o pronunciamento dos cidadãos nas urnas.

Um quadro exatamente oposto oferece a campanha eleitoral que se desenvolve em nossa pátria, sob o tacão de um governo de traição nacional servil aos imperialistas norte-americanos. Os mais recentes dados oficiais dão ao Brasil uma população de 54.526.000 de habitantes. As estatísticas mais seguras contam a população em 55 milhões. As estatísticas revelam que dessa população, em 1950, mais de 30 milhões eram maiores de 19 anos. Hoje, é claro, este número está bastante aumentado. Pois bem, os registros eleitorais, segundo as estatísticas mais otimistas, não chegam a incluir 13 milhões de eleitores.

Se tomarmos em conta as abstenções, que são o resultado das restrições antidemocráticas opostas ao exercício do direito de voto, verificaremos que somente um terço dos brasileiros alistáveis pode comparecer às urnas. Que faz o governo diante desta situação? Não satisfeito com isso, procura restringir cada vez mais, trata de multiplicar os obstáculos e empecilhos, negando brutalmente o direito de voto ao maior número possível de cidadãos. Para manter o poder nas mãos da minoria de latifundiários e grandes capitalistas vendidos aos trustes americanos, o governo tudo faz para afastar o povo das urnas, empregando para isso, ao lado das maquinações jurídicas, a violência, o assassinio nos mais selvagens atentados às liberdades democráticas.

Nestas eleições, chocam-se mais uma vez os interesses da minoria de traidores que empolga o poder com os interesses da maioria esmagadora do povo que se bate pelo exercício do direito de voto, pela conquista de tribunas parlamentares de onde possa defender seus direitos e reivindicações.

Sim, vale a pena votar. É o que disseram os favelados do Morro da União. É o que disseram os 400.000 favelados do Distrito Federal. Eles carregaram aos ombros os vereadores comunistas Aristides Saldanha, Henrique Miranda e Antenor Marques, depois da grande vitória da desapropriação do morro sobre o qual ergueram seus barracos e de onde estavam sendo desumanamente despejados.

Os vereadores comunistas foram a própria voz do povo na Câmara. Denunciaram a palavra de fogo da verdade e os inimigos da população pobre. Orientaram e ajudaram a organizar a resistência que se traduziu na ocupação da Câmara pelos favelados e suas famílias, numa inédita e impressionante demonstração de resistência e espírito combativo.

Comunidade não chegam a 50 os vereadores que dão número às sessões da Câmara do Distrito Federal. Mas depois da demonstração dos favelados o comparecimento aos edit chegou a cerca de 50. Que houve: foram obrigados a comparecer pela massa popular dirigida pelos vereadores comunistas. Isto não teria acontecido se lá não estivessem os vereadores comunistas.

Quantos projetos de interesse do povo poderiam ser arquivados das gavetas em que morfam meses e meses, quando os projetos americanos poderiam ser desmascarados e derrotados, se os legítimos representantes do povo estivessem nas casas legislativas?

TODOS OS OBSTÁCULOS PARA O ALISTAMENTO

Desde a organização e o aparelhamento da justiça eleitoral, o governo tudo faz para emperrar e dificultar o alistamento. A começar pela capital do país, as zonas eleitorais são mal equipadas do material mais indispensável — máquinas de escrever, fichários, etc. Tanto os juizes e escrivães eleitorais acumulam outras funções e só podem trabalhar nas horas de folga.

Na 8.ª zona, por exemplo, que fica na Rua 24 de Maio, no Engenho Novo, o escrivão eleitoral é o mesmo escrivão do Cartório de Acidentes do Trabalho, que é movimentadíssimo e fica na Rua D. Manoel, em pleno centro do Rio de Janeiro. Acresce que o expediente da Zona e do Cartório é no mesmo horário. O escrivão atende o trabalho eleitoral à noite, em casa, e por mais boa vontade que tenha é inevitável que o serviço atrase.

Em geral, a mesma pessoa que atende o balcão, onde se fazem as verificações das assinaturas de eleitores. Em consequência, nenhuma zona eleitoral está

aparelhada para fazer a verificação das assinaturas de eleitores para registro de partidos políticos dentro do prazo legal, que é de 48 horas. É muito comum que não se de baixa nos arquivos as fichas dos eleitores mortos, o que cria grandes possibilidades de fraude. Isto ocorre nos centros mais desenvolvidos do país. É fácil compreender que a situação é muitas vezes mais grave no interior do país, favorecendo o reinado dos coronéis, a votação de cabresto, como nos famosos «viveiros» dos latifundiários de São Paulo.

Por isso, a aquisição de um título eleitoral encontra numerosas dificuldades. Muitos desistem. É o que quer a carrailha de Vargas. Por isso mesmo, os democratas e, destacando-se entre todos, os comunistas tudo fazem para ajudar os cidadãos a obterem seu título, explicando ao mesmo tempo a causa de tudo isto.

VIOLENCIA E ASSASSINATOS

Mas essas dificuldades burocráticas não são capazes de impedir que o povo se mobilize para aproveitar as eleições para seus próprios interesses e enfrentar seus inimigos jurados. Nas campanhas eleito-



Prestes na Constituinte. A reação tem a presença do maior dos patriotas no Congresso. Mas exige a legalidade do Partido de Prestes, o glorioso Partido Comunista.

rais as massas se mobilizam, procurando anular completamente o direito de escolha. Assim, por exemplo, nas eleições municipais de 1948 em São Paulo, onde o povo elegeu uma bancada popular majoritária para a Câmara Municipal da capital paulista, a justiça eleitoral a serviço das classes dominantes cassou seus mandatos à véspera da posse e entregou suas cadeiras aos mesmos homens que covardemente derrotados e repudiados, assim perderam o direito de voto, procuraram anular completamente o direito de escolha.

Assim, por exemplo, nas eleições municipais de 1948 em São Paulo, onde o povo elegeu uma bancada popular majoritária para a Câmara Municipal da capital paulista, a justiça eleitoral a serviço das classes dominantes cassou seus mandatos à véspera da posse e entregou suas cadeiras aos mesmos homens que covardemente derrotados e repudiados, assim perderam o direito de voto, procuraram anular completamente o direito de escolha.

Assim, por exemplo, nas eleições municipais de 1948 em São Paulo, onde o povo elegeu uma bancada popular majoritária para a Câmara Municipal da capital paulista, a justiça eleitoral a serviço das classes dominantes cassou seus mandatos à véspera da posse e entregou suas cadeiras aos mesmos homens que covardemente derrotados e repudiados, assim perderam o direito de voto, procuraram anular completamente o direito de escolha.

Assim, por exemplo, nas eleições municipais de 1948 em São Paulo, onde o povo elegeu uma bancada popular majoritária para a Câmara Municipal da capital paulista, a justiça eleitoral a serviço das classes dominantes cassou seus mandatos à véspera da posse e entregou suas cadeiras aos mesmos homens que covardemente derrotados e repudiados, assim perderam o direito de voto, procuraram anular completamente o direito de escolha.

NEGAÇÃO FASCISTA DO DIREITO DE VOTO

Não podendo, mesmo o esmagar o eleitorado indigente, a camarilha vendida investe furiosamente

contra o direito de voto, procuraram anular completamente o direito de escolha. Assim, por exemplo, nas eleições municipais de 1948 em São Paulo, onde o povo elegeu uma bancada popular majoritária para a Câmara Municipal da capital paulista, a justiça eleitoral a serviço das classes dominantes cassou seus mandatos à véspera da posse e entregou suas cadeiras aos mesmos homens que covardemente derrotados e repudiados, assim perderam o direito de voto, procuraram anular completamente o direito de escolha.

predizer a derrota do sr. Vargas nas próximas eleições», declarou Luiz Carlos Prestes em sua entrevista aos jornais populares em março deste ano. O crescente descontentamento popular, a revolta incontida das massas contra esse governo de fome, carestia, traição nacional e guerra, manifestava-se em toda parte e anuncia a derrota da tirania de Vargas.

Chega, então, ao Senado na ponta das baionetas dos generais do «acórdio militar», o infame artigo 32, incluído no projeto do negociata Dario Cardoso e aprovado por uma maioria de carcomidos. O artigo 32 exige o atestado de ideologia para os candidatos, coloca as eleições ao arbítrio da polícia, isto é, do FBI americano. Aparentemente, trata-se de um golpe apenas contra os comunistas. Na realidade, esse artigo fascista arma o governo para depurar as listas eleitorais de todos os partidos políticos, impedindo o registro eleitoral daqueles cidadãos que se dispõem a honrar os seus mandatos.

É o que provam as recentes instruções para o registro de candidatos às eleições de três de outubro. O Tribunal Superior Eleitoral, transformando-se vergonhosamente em apêndice da polícia, sob a presidência do juiz fantoche Edgar Costa, aplica o artigo 32 nessas instruções. É o próprio TSE que se coloca fora da lei, pois o artigo 32, antes de se transformar em lei, terá ainda que passar pela Câmara, o que se torna cada vez mais difícil.

ARTIGO 32 ILEGAL-MENTE APLICADO

Nestas eleições, os traidores da pátria chegam ao extremo do desespero. «Não é necessário ser profeta para

prever a derrota do sr. Vargas nas próximas eleições», declarou Luiz Carlos Prestes em sua entrevista aos jornais populares em março deste ano. O crescente descontentamento popular, a revolta incontida das massas contra esse governo de fome, carestia, traição nacional e guerra, manifestava-se em toda parte e anuncia a derrota da tirania de Vargas.

Chega, então, ao Senado na ponta das baionetas dos generais do «acórdio militar», o infame artigo 32, incluído no projeto do negociata Dario Cardoso e aprovado por uma maioria de carcomidos. O artigo 32 exige o atestado de ideologia para os candidatos, coloca as eleições ao arbítrio da polícia, isto é, do FBI americano. Aparentemente, trata-se de um golpe apenas contra os comunistas. Na realidade, esse artigo fascista arma o governo para depurar as listas eleitorais de todos os partidos políticos, impedindo o registro eleitoral daqueles cidadãos que se dispõem a honrar os seus mandatos.

É o que provam as recentes instruções para o registro de candidatos às eleições de três de outubro. O Tribunal Superior Eleitoral, transformando-se vergonhosamente em apêndice da polícia, sob a presidência do juiz fantoche Edgar Costa, aplica o artigo 32 nessas instruções. É o próprio TSE que se coloca fora da lei, pois o artigo 32, antes de se transformar em lei, terá ainda que passar pela Câmara, o que se torna cada vez mais difícil.

ARTIGO 32 ILEGAL-MENTE APLICADO

Nestas eleições, os traidores da pátria chegam ao extremo do desespero. «Não é necessário ser profeta para

prever a derrota do sr. Vargas nas próximas eleições», declarou Luiz Carlos Prestes em sua entrevista aos jornais populares em março deste ano. O crescente descontentamento popular, a revolta incontida das massas contra esse governo de fome, carestia, traição nacional e guerra, manifestava-se em toda parte e anuncia a derrota da tirania de Vargas.

Chega, então, ao Senado na ponta das baionetas dos generais do «acórdio militar», o infame artigo 32, incluído no projeto do negociata Dario Cardoso e aprovado por uma maioria de carcomidos. O artigo 32 exige o atestado de ideologia para os candidatos, coloca as eleições ao arbítrio da polícia, isto é, do FBI americano. Aparentemente, trata-se de um golpe apenas contra os comunistas. Na realidade, esse artigo fascista arma o governo para depurar as listas eleitorais de todos os partidos políticos, impedindo o registro eleitoral daqueles cidadãos que se dispõem a honrar os seus mandatos.

É o que provam as recentes instruções para o registro de candidatos às eleições de três de outubro. O Tribunal Superior Eleitoral, transformando-se vergonhosamente em apêndice da polícia, sob a presidência do juiz fantoche Edgar Costa, aplica o artigo 32 nessas instruções. É o próprio TSE que se coloca fora da lei, pois o artigo 32, antes de se transformar em lei, terá ainda que passar pela Câmara, o que se torna cada vez mais difícil.

Nestas eleições, os traidores da pátria chegam ao extremo do desespero. «Não é necessário ser profeta para

prever a derrota do sr. Vargas nas próximas eleições», declarou Luiz Carlos Prestes em sua entrevista aos jornais populares em março deste ano. O crescente descontentamento popular, a revolta incontida das massas contra esse governo de fome, carestia, traição nacional e guerra, manifestava-se em toda parte e anuncia a derrota da tirania de Vargas.

ARTIGO 32 ILEGAL-MENTE APLICADO

Nestas eleições, os traidores da pátria chegam ao extremo do desespero. «Não é necessário ser profeta para



Os parlamentares comunistas protestam veementemente no dia da cassação dos mandatos. Eles foram os mais fiéis os mais ativos representantes do povo. Levemos à vitória o projeto 4.583 para que eles possam voltar.

VALE A PENA VOTAR, E' NECESSARIO VOTAR

Por que a reação chegou a tal ponto nos seus esforços para restringir o direito de voto? Por que tamanho pânico ante as eleições?

Para responder bastaria citar o exemplo da atuação do deputado comunista Roberto Morena, levado à Câmara pelos trabalhadores cariocas. Exprimindo as aspirações das massas populares, sua atividade parlamentar está no centro de toda a oposição ao governo vendepátria de Vargas. Assim, o «acórdio militar» tropeçou com tais obstáculos que levou quase um ano para ser aprovado, apesar da pressão da embaixada americana, o que deu tempo para o desmascaramento desse acórdio de colonização e guerra e favoreceu uma ampla união dos patriotas de todas as filiações partidárias.

A exigência patriótica dos brasileiros, que reclamam a legalidade do Partido Comunista, encontrou eco na Câmara através do projeto 4.583 firmado por 65 deputados de todos os partidos e que já começa a receber o apoio de Câmaras Municipais como a de Uberlândia,

em Minas, e Aracatuba, São João da Boa Vista e Ribeirão Preto, em São Paulo. Sim, vale a pena votar.

O governo quer eleger, com leis fascistas e manobras ilegais, um parlamento inteiramente domesticado e servil, para prosseguir na sua política de carestia e entrega total do Brasil aos americanos. Sim, é preciso votar para eleger os patriotas e derrotar os entreguistas. É o momento de lutar com o mais amplo espírito de unidade e a mais combativa disposição pela vitória do projeto 4.583 que dá a legalidade ao Partido Comunista e a todos os partidos democráticos.

A batalha está travada. Nosso povo está disposto a ceder a única polegada de seus direitos. Unindo suas forças, imporá e respeito às liberdades democráticas e às tranquilas constitucionais, fazendo das próximas eleições o protesto patriótico que abalará as posições dos traidores e aproximará o dia de vitória, da libertação de nossa pátria.

50 MILHÕES DE CRUZEIROS — UMA GRANDE CAMPANHA POLÍTICA

Os candidatos dos latifundiários e dos grandes capitalistas associados aos trustes americanos dispõem dos cofres fartos, dos dinheiros fáceis do Banco do Brasil para subornar, comprar cabos eleitorais e desenvolver uma intensa e rica propaganda. Não lhes faltam meios para imprimir ricos e vistosos cartazes, cédulas aos milhões, programas de rádio e televisão, páginas em jornais, para financiar calúnias contra os patriotas, para custear comícios, viagens e caravanas políticas.

Pelo contrário, os candidatos do povo não dispõem de recursos financeiros. A campanha eleitoral é para eles uma tarefa patriótica, uma honrosa responsabilidade, que determina não poucos sacrifícios. Um de seus títulos de honra é o de que não recebem um centavo dos inimigos do povo, são homens e mulheres insubornáveis e incorruptíveis. Pedem os votos do povo para disporem de uma tribuna de luta.

Essa é uma campanha que ajuda decisivamente a impulsionar a luta eleitoral dos candidatos populares. Para que ela alcance seus objetivos políticos e sejam cobertas as cotas em toda parte é indispensável a mais ampla e intensa mobilização de vastas camadas populares. Cada contribuição, por pequena que seja, é a mais alta valia porque representa o compromisso de um voto pelo menos. 50 milhões dados pelo povo atestam materialmente o repúdio das massas às restrições fascistas de uma justiça eleitoral de classe, significarão uma vigorosa manifestação da exigência patriótica pela aprovação do projeto 4.583 e da inapelável condenação do artigo 32 por milhões de brasileiros que se unem em defesa das liberdades.

Compreende-se, pois, que o custeio da cam-

VOZ DOS LEITORES

Alguns Fatos Sobre A Fábrica Do Tubarão Rocha Faria

ESCREVE UM LEITOR de Magé

Os operários com poucos anos de casa na Fábrica Pau Grande estão sendo demitidos pelo gerente da empresa Alcides de Moura Braga e seus auxiliares, os mestres José Muelas e Luz. O pretexto apresentado para as demissões é o prometido aumento do salário mínimo.

Para que se faça uma idéia da situação de grande número de trabalhadores dessa empresa da firma Rocha Faria & Cia., citemos o caso de um operário, chefe de família. É tão insuficiente o seu salário que ao receber o envelope encontrou apenas um bilhete em que a firma comunicava estar ele devendo Cr\$ 400,00 à cooperativa que foi criada por iniciativa dos patrões para fazer demagogia e melhor explorar os operários.

A localidade de Pau Grande é um verdadeiro feudo dos Rocha Faria. Encontra-se ali um inglês, de nome Fredy, que vive ostentando luxo num acinte à miséria dos trabalhadores. Vive num luxuoso automóvel em passeios a Petrópolis, Rio e São Paulo enquanto sua empregada segundo se diz fica até sem ter o que comer e já foi vista comprando pão com mortadela para matar a fome. Pois esse inglês contratou para a fábrica um americano possuidor de um cachorro de raça. O cachorro é alimentado a linguiça que custa 200 cruzeiros a caixa, presunto, fígado e alcatra. Isto é uma verdadeira afronta à situa-

ção de miséria dos trabalhadores.

Há um clima de perseguições contra os trabalhadores. Por qualquer falta um operário é entregue ao delegado e conduzido à delegacia de Raiz da Serra. Enquanto o gerente comete tais arbitrariedades, goza de boa vida e indivíduo Roberto Leite, encarregado do cinema do feudo dos Rocha Faria, recentemente contemplado com a chefia da sala do pano da fábrica nova. É justamente para essa seção, onde trabalham em maioria mulheres e moças, que a gerência envia elemento como esse, acusado de ter seduzido uma jovem incauta, filha de um operário.

Os patrões dedicam o maior desprezo pelas condições de vida e de trabalho dos operários e suas famílias. Há tempos um operário solicitou mudança de casa pois a que ocupa não possuía sequer instalações sanitárias. Atendido com estupidez pelo gerente, recebeu como se fosse uma bofetada a cinica resposta de que operário não precisa desses confortos.

O médico da fábrica é atencioso mas é claro que a receita por si só não cura ninguém. A farmácia criada pelos patrões não possui os medicamentos necessários nem aparelhagem adequada.

Há uma associação dos trabalhadores sustentada com as mensalidades dos seus membros. Entretanto, no dia do Trabalho, festa internacional do proletariado, não foram ligados os alto-falantes. Diante das reclamações dos trabalhadores o encarregado respondeu que a aparelhagem custou o dinheiro da Companhia. Todo mundo sabe que tudo o que há na associação foi adquirido com o dinheiro dos trabalhadores mas, de qualquer forma, a atitude do encarregado mostra o quanto os patrões temem as comemorações do Dia do Trabalho, dia de luta da classe operária pelas suas reivindicações. Trata-se de uma política dos patrões para desunir os operários a fim de continuar acumulando fabulosas fortunas à custa de seu trabalho superexplorado.

Os operários, entretanto não se conformam com essa situação e cada vez mais compreendem a necessidade de lutar por melhores dias, organizando-se nos locais de trabalho e colocando a Associação a serviço de suas reivindicações. Uma oportunidade para dar uma demonstração dessa vontade de luta se apresenta agora, com a indicação do operário Petronillo Alves como candidato a vereador para a Câmara Municipal de Magé. Apesar do reforço da guarda feito pelos patrões a fim de reprimir a luta democrática dos operários, estes darão uma resposta os seus exploradores elegendo seu verdadeiro representante.



Morreu Trabalhando No Cafezal

Desumano tratamento imposto aos empregados da Fazenda São Joaquim, de Garça

NOSSO correspondente de Garça, Estado de São Paulo escreve o seguinte:

«Dia 11 de junho faleceu o camponês João Batista de Moraes: morreu no seu trabalho no meio do cafezal. Pois esse camponês e sua família passaram fome nesta Fazenda São Joaquim no município de Garça. Esta fazenda é de propriedade do latifundiário Joaquim Saligneiro. Muitas vidas de camponeses já foram liquidadas nesta fazenda e isto é do conhecimento geral no município. Pois este camponês nem depois de morto deixou de sofrer a opressão do latifúndio. Sua família, que nada tinha para comer, muito menos podia fazer o caixão para o seu chefe morto. A administração, procurada pela família teve a bárbara coragem de negar o caixão, dizendo clinicamente: «Enterre sem caixão».

Os camponeses foram então à Prefeitura e o escrivão mandou confeccionar o caixão, chamou o administrador e o intimou a pagá-lo. O administrador acabou mandan-

do pagar o caixão e também a visita do médico que passou o atestado de óbito.

A miséria na Fazenda São Joaquim é tanta que das 15 famílias ali existentes nenhuma tem o suficiente para comer.

Entre outros casos, citemos o do empregado Joaquim Guerra, com 40 anos de idade e seis filhos menores. Depois de derrubar o café, nada tendo em casa para comer, foi à fazenda pedir uma ordem em vale e o administrador negou-se a atendê-lo dizendo: «Ponha a trouxa nas costas e vá embora». Se o empregado sai, tem que deixar o café no chão, derrubado, ficando todo este trabalho como um aumento de lucro para o fazendeiro. Diante disto, foi necessário que os camponeses se reunissem para dar um pouco de fubá ao empregado e seus filhos pois, sem isso, não poderiam sequer ir à roça.

Na mesma fazenda São Joaquim o camponês Olegário também foi pedir um vale para comprar algum alimento e a resposta foi a mesma: «Ponha a trouxa nas costas e suma danu! se não quer morrer de fome». E assim é a vida de todos os camponeses empregados da Fazenda São Joaquim, de Garça.

Repercute em Araraquara a Entrevista De Prestes

NOSSO CORRESPONDENTE de Araraquara Estado de São Paulo comunica que o jornal local «O Imparcial» publicou na íntegra a entrevista de Prestes sobre a participação do P.C.B. nas eleições de outubro. O fato repercutiu grandemente entre todos os setores da população, que ainda não haviam tomado conhecimento da entrevista, pois a participação dos comunistas nas eleições modificará o caráter do pleito. A participação dos comunistas nas eleições imprimirá um sentido democrático a toda a campanha uma vez que, representando fielmente os anseios de todas as camadas progressistas da população, os comunistas ao debater o Programa do P.C.B., levantam os problemas do povo e apontam sua solução justa. Entre os problemas que mais afligem os araraquarenses está a carestia da vida e o racionalismo imposto pela Companhia Paulista de Força e Luz. Note-se ainda o crescente desemprego que se verifica naquela cidade onde grande número de trabalhadores vem sendo atingido

pelo patronato reacionário. Com a desculpa do prometido aumento do salário-mínimo certos empregadores vêm dispensando os operários mais antigos e substituindo-os por outros mediante contratos de 3 meses, com o objetivo de se furtarem ao pagamento das férias, indenizações e outros direitos conquistados pela classe operária e garantidos por lei. Tal política reacionária vem sendo aplicada pela Companhia Nestlé, truste que controla a produção e a industrialização do leite.

SUGESTÕES DE UM LEITOR DE SÃO GONÇALO

NOSSO leitor Carlos Pinto, de São Gonçalo, escreve:

«Sou um novo leitor desse conceituado semanário, que admira grandemente o vosso incansável trabalho na seleção dos artigos assim como a composição gráfica, que indica tratar-se de uma publicação feita com esmero e muita responsabilidade». Em seguida o leitor faz uma série de sugestões as quais já estão sendo estudadas. A Redação da VOZ OPERÁRIA se esforçará sempre por merecer o conceito em que este jornal é tido pelos trabalhadores e todas as pessoas progressistas.

DISPENSA EM MASSA DE TRABALHADORES NA USINA ANA FLORENCIA

ESCREVE-NOS o nosso correspondente de Ponte Nova, Estado de Minas Gerais: Os trabalhadores da Usina Ana Florencia (Pão), estão revoltados diante da arbitrária demissão pela companhia, de mais de quarenta trabalhadores e a ameaça de dispensa que pesa sobre outros sob o falso pretexto de que a empresa não pode pagar o salário-mínimo. Trata-se de uma grosseira farsa dos diretores dessa companhia que vivem como príncipes na Capital Federal à custa da exploração desumana dos operários.

A companhia pôs em vigor novo contrato de trabalho, por tempo indeterminado a juízo dos patrões. Desta forma o trabalhador que aceita o contrato «joga-se à dispensa a qualquer momento, sem indenização ou que contraria a própria legislação trabalhista pois anula na prática o direito de estabilidade. Nessa ofensiva fascista contra os direitos dos trabalhadores, contam os patrões com a colaboração do advogado do Sindicato dos Empregados na Indústria de Açúcar de Ponte Nova, sr. Rubem Dario de Abreu Grossi. Este senhor age sempre de comum acordo com os patrões e sabe-se que age também como policial, denunciando às empresas os empregados mais combativos e esclarecidos, particularmente os que têm o há-

bito da imprensa popular «Jornal do Povo».

O presidente do sindicato dos trabalhadores, sr. Geraldo Alves de Mesquita é considerado pelos trabalhadores como um homem honesto. Mas sua atuação revela pouca experiência de luta sindical. Consta, por exemplo, que o advogado do Sindicato dos Trabalhadores colaborou com os advogados dos Diretores da empresa na elaboração do novo contrato de trabalho, tão lesivo aos interesses dos trabalhadores e cuja primeira consequência foi a demissão de todos os que se negaram a assiná-lo.

Os trabalhadores devem se organizar nas empresas e dentro de seu sindicato a fim de exigir que esta organização lute em defesa dos seus interesses. Só lutando organizados poderão fazer frente à ofensiva dos patrões reacionários e substituir o advogado Rubem Dario de Abreu Grossi por um advogado honesto que seja digno de confiança e desempenhe suas funções profissionais conforme exigem os interesses dos trabalhadores.

NOTA DA REDAÇÃO

Solicitamos ao autor desta correspondência que nos envie novas informações sobre as arbitrariedades, as condições de trabalho, os salários a carestia da vida e outros problemas que interessam aos trabalhadores de Ponte Nova.

NO SINDICATO DOS TRABALHADORES AGRICOLAS DE MONTE APRAZIVEL

QUANTO MAIS AUMENTA A PERSEGUIÇÃO MAIS AUMENTA O NÚMERO DE ASSOCIADOS

UM CAMPONES da Fazenda Moisés, de Monte Aprazível, escreve:

«Os colonos desta fazenda foram ao administrador pedir aumento para a colheita do café. O administrador disse que ia falar ao patrão e quando ele veio foi à cidade de Neves Paulista e trouxe seis policiais para a fazenda a fim de obrigar os colonos a trabalhar. Os policiais ameaçaram espancar os camponeses que, sob coação tiveram que reconhecer o serviço. Os policiais ameaçaram com suas armas despejar os camponeses que se recusassem a cumprir a ordem, dizendo que «sindicato não é lei» que sindicato era apenas «uma exploração maior». Mas uns sócios meus esclarecidos foram ao sindicato discutir os seus direitos e o Sindicato vai levar a questão ao Je-

partamento de São José do Rio Preto. Quanto mais o fazendeiro ameaça, mais aumenta o número de camponeses associados do sindicato. O patrão já está desesperado com os memoriais que foram distribuídos e hoje, com a ajuda dos operários, nós, camponeses já marchamos ombro a ombro. Somos duas forças justas que representam um feixe de varas que ninguém poderá quebrar. Vamos realizar uma assembleia dia 20 do corrente, quando será dada a resposta dos fazendeiros. Já houve fazendeiros que levaram os memoriais à delegacia de Monte Aprazível dando parte dos colonos que os entregaram. Mas a delegacia não pôde atender a essa manobra dos fazendeiros por causa de nossa união. (Monte Aprazível, 6-6-54).

Em S. Pedro do Paraiso:

O AUMENTO NÃO VEIO E OS PREÇOS CONTINUAM SUBINDO

UM LEITOR da vila de Italva, em São Pedro do Paraiso, queixa-se da falta de hospital para atender à numerosa população. Principalmente agora, esta necessidade se faz mais aguda em face dos numerosos casos de paratifo. Cita o leitor o caso da Usina São José e da Fábrica de Cimento, onde já há recursos para atender aos doentes. Mas trata-se de iniciativas de particulares, quando, de fato, esta é uma função do Governo. Tal é a situação de penúria do povo em Italva, que já se contam vários casos de defuntos enterrados em simples esteiras pois as famílias não dispõem de dinheiro sequer para alimentá-los e muito menos para sepultar condignamente seus mortos.

Outro grave problema é o da carestia da vida. O pe-

vo de São Pedro do Paraiso já solicitou a instalação de um armazém do SAPS pois os barracões dali estão vendendo tudo muito caro. O aumento do salário-mínimo ainda não chegou mas os preços estão sendo aumentados artificialmente. O açúcar já está sendo vendido a 6 cruzeiros; a banha, a 44; a carne seca, a 32; a farinha, que custava 4,80, já passou para 5 cruzeiros. Como se isso não bastasse, os patrões reacionários estão dispensando operários e consta que há uma ameaça de demissão de 500 operários.

NOTA DA REDAÇÃO — solicitamos ao autor desta correspondência que nos informe sobre os salários pagos nas diferentes empresas de São Pedro do Paraiso, sobre os preços dos gêneros, aluguéis, etc.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOAO BATISTA DE LIMA F SILVA
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.
and. sala 1712
SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.
and.

P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527
sala 48.

Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Saet
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.

Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZOPRIA
ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00
Semestral 30,00
Trimestral 15,00
M. avulso 1,00
N. atrasado 1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

NOVA ETAPA NA LUTA PELO SALÁRIO-MÍNIMO

A unidade de ação impôs mais uma vez
a vontade dos trabalhadores no
Supremo Tribunal Federal



UMA nova e importante vitória conquistaram os trabalhadores brasileiros na batalha que travam pelos novos níveis de salário-mínimo. Mais uma vez, derrubando o mandado de segurança dos patrões no Supremo Tribunal Federal, a unidade de ação fez respeitar a vontade da classe operária.

A manobra pífida do recurso ao judiciário para anular o salário-mínimo foi sorrateiramente preparada pelo governo e pelos patrões reacionários. Enquanto acenava com promessas para os patrões se lançarem ao ataque ao direito líquido dos trabalhadores.

Durante cinco meses, como recordou o deputado Roberto Morena da tribuna da Câmara, Vargas manteve no fundo da gaveta os estudos das comissões de salário-mínimo. Durante todo esse período, os preços foram subindo sem cessar, armaram-se ameaças contra os operários, inclusive o desemprego em massa. Em Volta Redonda, Vargas declarou que não haverá precipitações na questão do salário-mínimo.

Mas diante da unidade de ação que se forjou na luta pelos novos níveis de salário-mínimo, encostado à parede pelas vigorosas manifestações unitárias do Primeiro de Maio e pela disposição dos trabalhadores de irem a formas ainda mais enérgicas e decididas de luta sob o comando das comissões intersindicais, Vargas não teve alternativa senão decretar o salário-mínimo a Primeiro de Maio de acordo com a exigência unânime dos trabalhadores.

Entretanto, na última hora ainda achou meio de mostrar a sua má-fé. Não só não decretou o congelamento dos preços, dispo de todos os meios para isso, como adiou a vigência do novo salário-mínimo para dois meses depois. Era um novo prazo para os patrões, uma nova chance para mais elevações do custo da vida. Com a portaria 20 tentou torpedear o movimento sindical ao mesmo tempo que se verificaram despedidas de trabalhadores em numerosas empresas. Os patrões, depois de ouvirem do próprio Getúlio que os níveis do salário-mínimo poderiam ser alterados, entraram com o mandado de segurança de início atendido pelo Supremo Tribunal Federal.

Por que venceram os trabalhadores na Justiça

Ficou perfeitamente clara qual a disposição do Tribunal pela declaração de seu presidente, o ministro José Linhares, que considerou «coação» uma ameaça de greve geral trombeteada intencionalmente pela imprensa reacionária. Sabe-se que existem mil e uma artimanhas para protelar indefinidamente um julgamento pela justiça das classes dominantes.

Os trabalhadores brasileiros compreenderam o perigo que corria sua grande conquista. Getúlio lavava as mãos, como se os juizes não fossem nomeado por ele. Armados com a experiência de suas lutas e principalmente com a experiência das jornadas que culminaram com as manifestações do Primeiro de Maio de 1954, os trabalhadores acorreram aos seus sindicatos e reforçaram sua unidade.

O mais importante neste terreno foi o estabelecimento do Pacto de Unidade entre os sindicatos de São Paulo e do Distrito Federal cujo resultado orgânico foi a Comissão Intersindical Nacional. No encontro dos dirigentes sindicais do Rio e São Paulo, firmou-se a unidade sobre três questões capitais:

1.º — E' chegado o momento de efetivar no plano organizativo a unidade de ação, pois o salário mínimo e o congelamento dos preços são reivindicações nacionais de todos os trabalhadores.

2.º — Convidar todos os sindicatos a ação coordenada e em comum, evitando de

fazer qualquer acordo em separado, o que somente beneficiaria os patrões.

3.º — Realizar uma concentração e um comício no Rio de Janeiro com a participação de delegações operárias do maior número possível de Estados exigindo a aplicação do novo salário-mínimo e do congelamento dos preços.

Diante do imenso exército operário que se pôs em movimento com o apoio crescente das massas populares em luta contra a carestia da vida, o Supremo Tribunal não teve outro remédio senão deixar de lado seus falsos temores de «coação» e votar de acordo com a exigência dos trabalhadores.

GREVE GERAL PELO CONGELAMENTO NO RIO GRANDE DO SUL

COM O ENTUSIASTICO apoio da população os trabalhadores do Rio Grande do Sul decretaram a greve geral de advertência a seis do corrente. Cumprindo a resolução tomada anteriormente — greve geral se o congelamento não for decretado até o dia seis — foi levada a efeito a paralisação do trabalho por 24 horas. Nova greve será feita se o governo prosseguir negando o congelamento.

Foi decisiva a participação dos ferroviários. O movimento foi mais intenso em Porto Alegre, Santa Maria e Rio Grande. Em Porto Alegre grevista, donas de casa e povo realizaram um comício que reuniu 10.000 pessoas. A greve foi dirigida pela Comissão Executiva Intersindical que comanda 132 sindicatos e organizações operárias e se apoia em numerosas Comissões de Fábrica e Sindicato organizadas no curso da luta pelo salário-mínimo e o congelamento dos preços.

Em 1952, os trabalhadores e o povo de Santa Maria, como atesta a foto acima, saíram às ruas para protestar contra a carestia, exigir a rebaixa dos preços e manifestar sua revolta contra a política de esfomeamento do governo de Getúlio. O mesmo sucedeu em Rio Grande, Nova Hamburgo e outras cidades, e que obrigou o governo e os tubarões a recuarem. Agora, volta o povo gaúcho à luta contra a fome, com a greve geral decretada no Rio Grande do Sul pela rebaixa e o congelamento dos preços.

Nova etapa da luta

Mas a batalha ainda não terminou. A grande vitória alcançada serve para robustecer e impulsionar com redobrado vigor a luta. Afinal o que foi aprovado é ainda um salário mínimo com assiduidade e sem congelamento dos preços. Por isso mesmo, os trabalhadores não arrefecem mas intensificam a luta pela aplicação sem restrições do salário-mínimo e pelo congelamento dos preços. Mais e mais unidade de ação nas fábricas e locais de trabalho, ampliação e fortalecimento das comissões intersindicais nos municípios, nos Estados e nacionalmente. Em torno da mesma bandeira de luta e apoiando-se cada vez mais nas comissões de fábricas, os sindicatos unem cada vez mais seus esforços, coordenam sua atividade e constituem uma força de crescente poderio.

Comícios no dia 14 de julho

A experiência destes meses de luta pelo salário-mínimo e pelo congelamento dos preços convenceu os trabalhadores que é necessário manter a mais severa vigilância em defesa do que já foi conquistado e prosseguir com redobrada energia na luta pelo congelamento dos preços que coloca a classe operária à frente da luta de milhões de brasileiros contra a carestia da vida.

A Comissão Intersindical Nacional determinou com o inteiro apoio dos sindicatos a realização de grande comícios no dia 14 de junho, no Rio e São Paulo. Iniciativas semelhantes serão tomadas em outras capitais e centros operários importantes. A preparação desses comícios ajuda a incentivar a criação e ampliação das comissões pró-salário-mínimo e congelamento dos preços em todos os escalões — desde os locais de trabalho até às intersindicais de município e Estado.

No 165º aniversário da Queda da Bastilha

GRANDE CAMPANHA PELAS LIBERDADES NO BRASIL

O mundo comemora, pela 165ª vez, o aniversário da queda da Bastilha, marco histórico indelével da luta das massas populares pelas liberdades democráticas. A derrubada de uma horrenda cadeia medieval pelo povo de Paris revoltado ficou para sempre na memória dos povos como símbolo da luta contra a opressão e a tirania.

A Revolução Francesa, dirigida pela burguesia, então classe oprimida, sob o lema de Igualdade, Liberdade, Fraternidade, foi empreendida pelas massas populares, camponeses servos submetidos aos senhores feudais, pequeno-burgueses das cidades, os artesãos, os trabalhadores que àquela época constituíam a classe operária no nascedouro. Posteriormente, a burguesia se tornaria classe opressora e reacionária e a luta de classes atingiria a um novo e mais alto nível, com a bandeira da liberdade e do progresso em mãos do proletariado.

Onde os direitos são espezinhados

Entretanto, nos países atrasados como o nosso, que se conservam sob o regime da dominação imperialista e da propriedade latifundiária, nem mesmo os ideais da revolução burguesa na França foram conquistados pelo povo. Aqui, o Estado, em mãos dos senhores do latifúndio e submetido ao imperialismo norte-americano, nega aos cidadãos os direitos mais elementares — a liberdade de pensamento e organização, especialmente para os trabalhadores, e até mesmo a igualdade formal perante a lei.

Neste sentido, é significativa a situação em que vivem atualmente. As vésperas de eleições, é negada a participação no pleito dos partidos democráticos, o partido da classe operária — o P. C. B. — encontra-se fora da lei. E mais: contra a letra expressa da Constituição, os donos do poder forjam uma «lei eleitoral» que, através de seu artigo 32, anula o direito de voto, coloca ao arbítrio da polícia a definição de quais os eleitores que podem ou não candidatar-se, privando o povo da possibilidade de intervir no pleito. Ao lado disso, cidadãos presos arbitrariamente — um patriota da altura de Agliberto Azevedo no cárcere — a propaganda eleitoral cercada, ataques a reuniões pacíficas e a jornais do povo, os trabalhadores reprimidos pela violência quando exercem o sagrado direito de lutar pelo pão, os camponeses selvagemmente perseguidos porque se organizam para defender-se da desumana exploração nas grandes fazendas, a vontade da nação espezinhada por uma política de traição e venda do país aos trustes norte-americanos.

Grande Campanha pelas liberdades

Em face dessa situação, crescem e se organizam as lutas populares pelas liberdades e a independência nacional. E o 14 de Julho assume a feição de uma jornada de lutas pelos direitos mais elementares do cidadão, pela defesa da Constituição contra os atentados fascistas. Daí a oportunidade da iniciativa tomada pela Associação Brasileira de Defesa dos Direitos do Homem, marcando a data da queda da Bastilha para início de uma grande campanha nacional pela liberdade dos presos e vítimas da reação e de luta contra o artigo 32 da «lei eleitoral de emergência». Trata-se de uma campanha que merece o apoio entusiástico de todos os democratas, de todos os cidadãos honrados. O povo exige o respeito a seus direitos e a luta por eleições democráticas. Nesse sentido, há de arrancar do Parlamento a aprovação do projeto 4.583, que restabelece a legalidade do P. C. B. e as garantias constitucionais. Esse será um importante passo no sentido da conquista dos ideais com que sonharam os insurretos de 14 de Julho de 1789 e a que aspiram milhões de brasileiros nos dias de hoje.



II CONFERÊNCIA NACIONAL DE TRABALHADORES AGRÍCOLAS

Importante Etapa no Caminho Da Unidade Dos Homens do Campo

D ESENVOLVEM-SE em todo o país os preparativos da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas, convocada para os dias 17, 18 e 19 de setembro próximo em São Paulo. A convocação foi lançada em obediência à resolução da I Conferência Nacional, realizada no ano passado, numa reunião da Comissão Permanente daquele conclave levada a efeito dia 26 de junho último na capital paulista.

A realização da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas representará mais um importante passo na luta dos homens do campo pela conquista dos seus direitos de cidadãos trabalhadores que, embora assegurados pela Constituição, encontram ferrenha oposição do governo dos latifundiários. Mais forte porém que as forças reacionárias, é a vontade de luta dos camponeses e o decisivo apoio que vêm obtendo da classe operária através de seus sindicatos. Bem significativa nesse sentido foi a presença de numerosos dirigentes sindicais paulistas durante o importante encontro da Comissão Permanente na sede do Sindicato dos Gráficos de São Paulo. Lá estavam representantes das diretorias dos Sindicatos dos têxteis, dos metalúrgicos, dos gráficos, dos marceneiros, dos vidreiros de São Paulo e São Vicente, dos bancários, dos ferroviários, dos hoteleiros, dos trabalhadores em carris urbanos, em cacau e balas, da União dos Ferroviários da Sorocabana, dos trabalhadores da borracha, da Federação dos gráficos e da Federação dos Trabalhadores em Transportes, além das mensagens de apoio de dezenas de sindicatos de todo o país.

Compareceram à reunião permanente numerosos delegados do Estado de São Paulo, Estado do Rio, Goiás, e um representante da Comissão Permanente da Conferência de Assalariados Agrícolas e Camponeses Pobres do Nordeste. Entre os delegados figuravam muitos representantes de organizações camponesas fundadas e fortalecidas no breve período transcorrido desde a I Conferência Nacional.



Dirigentes operários de São Paulo presentes à reunião: Salvador Rodrigues (Sindicato dos Marceneiros), Antônio Moreno (Sindicato dos Gráficos) e Elói Thirso

Os Objetivos da Conferência

A Comissão Permanente debateu e aprovou várias questões ligadas aos objetivos da Conferência, à forma de sua convocação e ao processo de sua realização, expostas no informe de Sebastião Dinart dos Santos.

Os objetivos da Conferência foram assim definidos:

- 1 — Pôr em movimento os assalariados agrícolas e camponeses pobres por suas justas reivindicações.
- 2 — Intensificar a organização dos assalariados agrícolas em Sindicatos Rurais e dos camponeses em Associações.
- 3 — Elaborar na Conferência a "Carta Dos Direitos e das Reivindicações dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil".
- 4 — Criar a União dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil — apoiada em todas as organizações de assalariados agrícolas e de camponeses existente em todo o Brasil.
- 5 — Estreitar os laços de amizade e de unidade entre os trabalhadores agrícolas e os operários das cidades.

Unidade e Organização

O informe pronunciado pelo líder Sebastião Dinart dos Santos apresentou um rápido balanço da situação em que se encontram as vastas massas camponesas do país, oprimidas pela minoria de latifundiários e pelo governo de Vargas. Por outro lado, assinalou que acontecimentos de maior importância mudaram a vida dos trabalhadores do campo no Brasil. Sindicatos e Associações estão surgindo em todos os Estados. Os trabalhadores agrícolas, com a ajuda da classe operária, recebem carinhosamente pelos dirigentes e líderes sindicais das cidades, vão avançando no sentido da organização e da unidade, tão necessárias para a vitória de suas reivindicações, a conquista de seus direitos e uma vida melhor.

Ampla Apoio

A Comissão Permanente aprovou medidas no sentido de assegurar a maior amplitude a II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas. Em cada Estado o Manifesto de Convocação receberá assinaturas de líderes e dirigentes sindicais das cidades e do campo, representantes de sindicatos rurais, associações camponesas, sindicatos operários. Em folha separada, anexa ao Manifesto, será coletada o maior número de assinaturas de personalidades (deputados, vereadores, intelectuais, comerciantes, etc.) que apoiem a Conferência.

Como se Realizará a Conferência

A propósito da realização da Conferência, a Comissão Permanente aprovou o seguinte:

Em cada Estado devem ser constituídas comissões promotoras da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas, as quais devem ser constituídas pelos membros da Comissão Estadual eleita na I Conferência Nacional e mais dirigentes e líderes sindicais operários e camponeses. Cabe a cada Comissão Promotora planejar a preparação da Conferência e providenciar a propaganda da mesma.

A partir de 1.º de julho deve ser iniciada a realização das assembleias de assalariados agrícolas e de camponeses, nas fazendas, nas usinas, nos locais de arrendamento, zonas florestais, povoados, feiras e outros lugares. Essas assembleias constituem a base fundamental de todo o trabalho de pre-

paração da II Conferência Nacional e das Conferências Estaduais ou de Setores que tiverem lugar em cada Estado. Essas assembleias devem se reunir para discutir e decidir sobre o seguinte:

1 — Qual a situação dos assalariados agrícolas ou dos camponeses que trabalham no local.

2 — Quais as reivindicações apontadas e aprovadas pelos trabalhadores agrícolas do local.

3 — Quais as organizações que já ficarão nos locais para lutar imediatamente por essas reivindicações. Eleição dos delegados às Conferências Estaduais ou de Setores de produção.

Em cada assembleia deverá ser feita uma ata de tudo o que for tratado quanto à verdadeira situação dos assalariados agrícolas e camponeses, o programa de reivindicações aprovado, a organização que for criada e o nome dos delegados eleitos. Uma cópia dessa ata deve ser remetida para a Comissão Central Promotora com sede em São Paulo à Rua Manoel Vitorino, 151, sala 2.

As Conferências Estaduais ou De Setores

As Conferências Estaduais ou de Setores serão realizadas até o dia 12 de setembro, devendo ainda realizar-se as seguintes conferências especiais:

Da esquerda para a direita: Pedro Renauz Duarte, representante da Comissão Permanente da Conferência de Assalariados Agrícolas e Camponeses Pobres do Nordeste; Lázaro Manoel da Costa, presidente do Sindicato dos Assalariados Agrícolas e Colonos de Café de São João da Boa Vista (2.000 sócios); Júlio Augusto Correa (E. do Rio), Tesoureiro da Comissão Permanente da I Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas; e Sebastião Bailão, da Colônia Agrícola Nacional de Goiás.

RIO GRANDE DO SUL — a) Conferência Estadual de Assalariados Agrícolas da Lavoura do Arroz; b) Conferência Estadual dos Agricultores da Zona Colonial.

PARANÁ E SANTA CATARINA — Conferência dos Trabalhadores Florestais.

NORTE DO PARANÁ — a) Conferência dos Possesores de Terra; b) Conferência dos Trabalhadores das Fazendas de Café.

MATO GROSSO — Conferência de Possesores de Terra, em Dourados.

SÃO PAULO — a) Conferência dos Trabalhadores das Usinas de Açúcar da zona de Piracicaba; b) Conferência de Trabalhadores das Fazendas de Café em Bauré, Rio Preto e Ribeirão Preto; c) Conferência de Plantadores de Algodão, em Presidente Prudente.

TRIANGULO MINEIRO — Conferência dos Trabalhadores Agrícolas do Triângulo Mineiro.

ESTADO DO RIO — Conferência dos Trabalhadores das Usinas, em Campos.

BAHIA — Conferência de Trabalhadores das Plantações de Cacau, em Ilhéus.

PERNAMBUCO — Conferência dos Trabalhadores das Usinas e dos Engenhos de Açúcar.

Comissão Central

A Comissão Permanente elegeu a Comissão Central Promotora da II Conferência. Figuras na presidência de honra todas as organizações operárias que apoiem a II Conferência, cabendo a presidência ao Sindicato dos Trabalhadores Assalariados das Plantações de Cacau de Ilhéus e Itabuna (Bahia) e na vice-presidência, dezenas de organizações camponesas já organizadas. Por proposta de um dos diretores do Sindicato dos Gráficos, é patrono da Conferência o mártir dos trabalhadores agrícolas Martins Stringues, morto na cadeia de Santa Cruz do Rio Pardo em 1954, dois meses depois de cumprida uma pena injusta a que foi condenado por ser um dos primeiros trabalhadores agrícolas a lutar pela organização de uma Associação de Trabalhadores Rurais naquele município.

Toda Ajuda Aos Camponeses

Na preparação do importante conclave dos camponeses, exerce papel decisivo a classe operária através de suas organizações sindicais, cuja rica experiência de organização e de luta democrática vem sendo rapidamente assimilada pelos seus irmãos do campo.

Os comunistas de todo o país, empenhados na grandiosa tarefa de unir e organizar os trabalhadores das cidades e do campo, onde quer que se encontrem, não medem esforços para que a II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas alcance plenamente os seus objetivos.

Vida Dos Partidos Comunistas

APÊLO AOS PARTIDÁRIOS DA PAZ DO PARTIDO COMUNISTA DOS EE. UU.

Recentemente, reuniram-se em conferência em Nova Iorque, representantes do Partido Comunista procedentes de 11 zonas dos Estados Unidos, que aprovaram um apelo aos comunistas e a todos os americanos amantes da paz, a fim de que empreendam uma grande cruzada em defesa da Paz.

O apelo mostra que milhões de pessoas pronunciam-se contra o emprego das armas atômicas, querem a paz na Indochina e desejam o fim da guerra fria. Os belicistas do Governo Eisenhower são hostilizados por todo mundo e perdem inclusive a confiança dos americanos que os elegeram. A guerra da Coreia constituiu uma dura experiência e mostrou ao povo americano que a luta pela independência nacional dos povos não pode ser detida pela força e a violência empregadas pelos homens de Washington e Wall Street.

O apelo exorta os cidadãos a endereçarem cartas ao presidente Eisenhower e ao Congresso, exigindo o cessar fogo na Indochina, negociações entre os cinco grandes para a proibição das armas atômicas e de hidrogênio e protestando contra a agressão do imperialismo lanque à Guatemala.



William Z. Foster

Como Preparar e Realizar Comícios Eleitorais

O POVO poderá conquistar importantes vitórias nas eleições de outubro próximo. A tarefa eleitoral, porém, exige dos comunistas e de todos os patriotas um intenso e tenaz esforço, particularmente no terreno da propaganda. Não basta que tenhamos bons candidatos, homens e mulheres firmes e leais ao povo. É preciso que o povo conheça o seu programa e os objetivos por que lutam, que correspondem às mais sentidas aspirações do povo. É necessário que as mais largas massas compreendam a importância das eleições e se unam para garantir a participação dos candidatos populares no pleito e dar-lhes a vitória no dia de votar. Como realizar essa tarefa? Por meio de comícios de casa em casa, do trabalho dos postos eleitorais, da impressão de volantes e manifestos e da propaganda na imprensa e, sobretudo, por meio da realização de comícios de todos os tipos.

COMÍCIOS NAS PORTAS DE FÁBRICAS



COMÍCIOS não são apenas as grandes e às vezes custosas manifestações em praça pública, que exigem uma intensa preparação, com semanas de antecedência. Existem outras formas de realizar comícios, também eficazes e mais fáceis. Por exemplo, os comícios na porta de fábricas. Também aí é preciso preparar tudo com antecedência, conhecer os horários e hábitos do pessoal da empresa. Os oradores, dois ou três no máximo, devem ser breves e incisivos, ir diretamente ao assunto que interessa à massa. No comício, é preciso atender para as observações e perguntas dos operários, para respondê-las na hora. É

Indispensável distribuir propaganda escrita durante o comício e dar a indicação de onde e como poderão alistar-se os que não são eleitores.

Propaganda Preparatória



A REALIZAÇÃO de comício exige a propaganda do próprio comício. O comício deve ser anunciado por todas as formas: cartazes impressos, volantes, alto-falantes, etc. Também a propaganda oral, seja um a um ou de grupo em grupo, tem grande importância no caso, por exemplo, dos comícios-relâmpagos na porta de empresas. Uma das formas menos custosas e mais eficazes de anunciar um comício é a faixa. Esta deve ser colocada em lugar bem visível para o público que se pretende atingir e de tal forma que seja difícil retirá-la. A inscrição deve ser bem legível, em cores vivas, contendo a indicação da hora, data e local, se possível o nome dos oradores. Cumpra marcar bem o sentido do comício. — Para eleger os patriotas e derrotar os entreguistas!

ra, data e local, se possível o nome dos oradores. Cumpra marcar bem o sentido do comício. — Para eleger os patriotas e derrotar os entreguistas!

Atingir o Maior Número Por Todos Os Meios

UM COMÍCIO em praça pública exige ampla propaganda, que atinja toda a cidade ou os bairros contíguos ao local do comício. Nesse caso, é preciso distribuir volantes em toda parte, nas filas, nas aglomerações, nos cafés, debaixo das portas, etc. Outra forma de propaganda adequada é o cartaz; quando não se pode imprimi-los, pode-se fazê-los de papelão. Esses cartazes, pintados em preto ou cores vivas, chamam a atenção do público quando presos nas árvores e postes das ruas de maior movimento. Um ótimo recurso sempre que for viável, é o uso de camionetas com alto-falantes. Essas camionetas têm a vantagem de atingir rapidamente o maior número possível de pessoas e, por meio delas, pode-se realizar pequenos comícios preparatórios, que valem por si mesmo como trabalho de propaganda eleitoral.



COMÍCIOS NAS FEIRAS E MERCADOS

TANTO nas grandes como nas pequenas cidades, as feiras e mercados constituem importantes pontos de aglomeração popular e locais obrigatórios para comícios. Os comícios de feira exigem também preparação, mas não precisam de ser anunciados previamente. Uma camioneta com alto-falante ou mesmo um grupo de propagandistas à pé distribui impressos entre o povo e os feirantes e faz pequenos discursos, nos quais, o tema da carestia e da miséria do povo é obrigatório. Aí se mostra ao povo quem são os responsáveis pela alta de preços: os grandes tubarões, aliados aos trustes americanos e, sobretudo, os que realizam a política da camarilha de esfomeadores do povo: o governo de Getúlio. Daí a necessidade de votar contra esse governo de miséria e traição nacional e eleger os patriotas, os que lutam ao lado do povo pela independência nacional e por um novo governo.



OBJETIVO: ELEGER OS PATRIOTAS E DERROTAR OS ENTREGUISTAS

EM TODOS os comícios, é fundamental marcar bem a diferença entre a campanha dos candidatos populares e a propaganda demagógica dos partidos dominantes. O povo está cansado dos políticos que buscam apenas enganá-lo para se elegerem. Mas manifesta vivo interesse quando participa da campanha dos comunistas e seus aliados. Isso porque os candidatos populares explicam ao povo claramente as causas da situação de miséria e atraso em que vivemos e denunciam os grandes culpados: a dominação imperialista americana e seus lacaios do governo de Vargas. Nos comícios, é preciso mostrar a importância do pleito para a luta por um novo regime de paz, independência nacional e bem-estar para o povo, isto é, para a aplicação do Programa do P.C.B. Cumpra igualmente concitar o povo à luta sem tréguas pelo próprio direito de votar e ser votado, isto é, para derrotar o artigo 32 da «lei eleitoral» e tornar vitorioso o projeto democrático, que restabelece a Constituição e a legalidade do Partido Comunista.





Congresso do Trabalho Pacífico e Criador

O XI CONGRESSO DOS SINDICATOS SOVIÉTICOS, ACONTECIMENTO DA MAIOR IMPORTANCIA PARA O MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

REPRESENTANTES de trinta e cinco diferentes países, inclusive o Brasil, assistiram os trabalhos do XI Congresso do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos.

Nesta primeira informação do ferroviário Ramiro Lucchesi, que assistiu o Congresso na qualidade de presidente da CTB e vice-presidente da F.S.M., se põe logo em relevo a enorme repercussão e importância internacional da atividade dos sindicatos soviéticos. Líderes sindicais de trinta e cinco países viram com seus próprios olhos como funcionam e como atuam, como influem na vida da grande potência socialista as organizações sindicais. Eles poderão transmitir com seu testemunho autorizado aos operários de seus países que são os sindicatos e o papel que desempenham na democracia proletária.

A POTENCIA DOS SINDICATOS SOVIÉTICOS

Partindo das organizações sindicais nos locais de trabalho, passando pelas conferências dos diversos setores profissionais o Congresso envolveu os milhões de trabalhadores soviéticos, aultou suas aspirações e opiniões sobre tôdas as questões, recolheu e valorizou a imensa e inesgotável experiência de ação construtiva e criadora da sociedade comunista, para culminar na grandiosa assembléia reunida na sala do Soviet Supremo da URSS.

1.364 delegados foram eleitos democraticamente, pelo voto secreto, representando 40 milhões e 400 mil trabalhadores sindicalizados. Os títulos dos delegados ao Congresso ressaltam mais uma vez aos olhos do mundo inteiro que o trabalho na URSS é uma questão de honra e glória. Entre os delegados, 54 são heróis da União Soviética, 75 são laureados com o Prêmio Stálin, 175 são deputados ao Soviet Supremo, 324 são deputados aos Soviets das Repúblicas, Urbanos e dos Distritos, 440 são membros dos Comitês Centrais dos Sindicatos e 179 são membros dos Comitês de Distrito e Fábricas.

Relevante é o papel que a mulher desempenha na vida soviética. 522 mulheres foram eleitas

delegadas ao Congresso, das quais dez são heroínas da URSS e 12 laureadas com o Prêmio Stálin.

Numerosos delegados são detentores de quatro e cinco condecorações. Os trabalhadores soviéticos elegeram os melhores. E os títulos dos delegados mostram que entre os ativistas e dirigentes sindicais encontram-se figuras das mais destacadas da vida soviética.

A organização técnica do Congresso permitiu aos delegados fraternais acompanhar palavra por palavra os informes e as intervenções dos delegados. Um completo serviço de tradução em várias línguas lhes trazia o que dizia cada um dos oradores, no momento mesmo em que falavam.

Assim puderam tomar tôdas as notas que quiseram. Escutaram diretamente a voz do povo. Ramiro Lucchesi transmite-nos as suas impressões sobre o discurso de Schvernink, informante do primeiro ponto da ordem do dia sobre a atividade do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos. Todo o discurso está impregnado da idéia da construção pacífica e do entranhado amor à paz dos soviéticos. Schvernink traçou o quadro grandioso do desenvolvimento da

URSS em todos os terrenos e o que isso significa para a melhoria crescente das condições de vida do povo.

Do discurso de Schvernink ressaltam as exigências que a própria vida impõe hoje aos sindicatos soviéticos. Refletindo as críticas da base, Schvernink destacou a necessidade da ruptura completa com os métodos burocráticos de direção sindical, pois os dirigentes devem manter estreito contacto com os trabalhadores nas empresas, conhecer os problemas e as situações concretas em que se encontram. O interesse dos trabalhadores soviéticos, donos do seu próprio destino reclama que os sindicatos velem para que os planos de produção sejam cumpridos, para que sejam realizados dentro dos prazos marcados os planos de construção de moradias novas, sanatórios, casas de repouso, clubes de cultura e demais instituições sociais. Ligada a isso está a atuação que os sindicatos desempenham no desenvolvimento incessante da emulação socialista, divulgando e popularizando as experiências de vanguarda. Uma função precípua dos sindicatos soviéticos é o desvelo pelas necessidades diárias dos trabalhadores.

ESCOLA DO COMUNISMO

Tanto no inferno de Schvernink, como no de Nina Popova sobre as modificações dos estatutos dos sindicatos soviéticos, teve relevo especial o papel educativo dos sindicatos.

A modificação dos estatutos fez-se necessária em vista das novas condições criadas com a vitória da construção do socialismo e o início da construção da sociedade comunista. Os novos es-

tatutos valorizam ainda mais do que antes o papel dos sindicatos, para que se coloquem à altura das tarefas atuais.

O sindicato é a escola do comunismo. Nina Popova define com clareza a importância do título de sindicalizado. O ativista sindical é hoje, na URSS, um participante ativo e consciente da vida econômica, social e política do país.

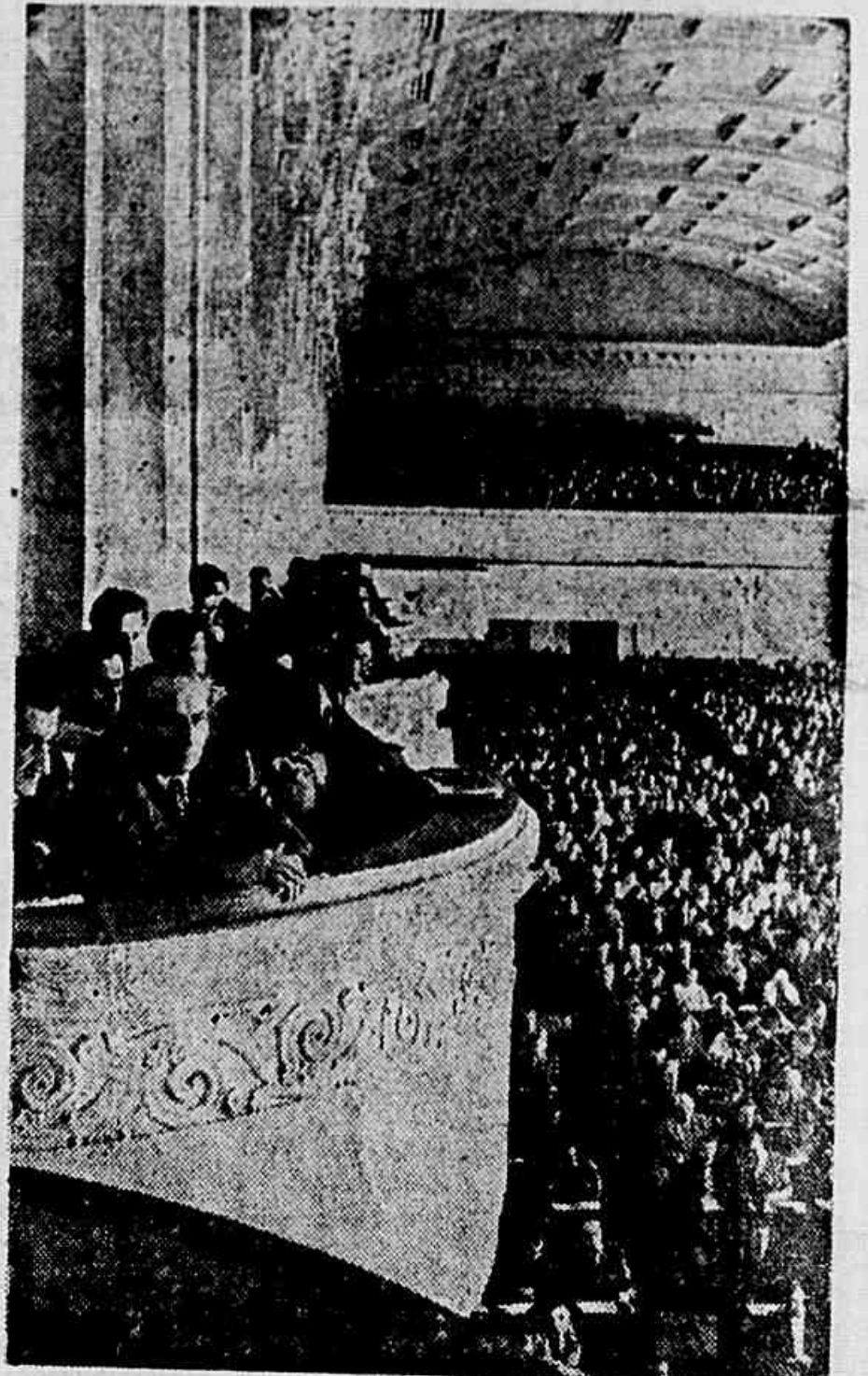
O trabalhador soviético é um homem público que se sente responsável pelos destinos de sua pátria e de seu povo. Tal é a envergadura da grandiosa tarefa dos sindicatos soviéticos.

PELA SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL DO PROLETARIADO

Numerosas foram as intervenções sobre o intercâmbio de delegações fraternais com as democracias populares às quais os trabalhadores soviéticos transmitem sua rica experiência técnica e organizativa.

O Congresso se manifestou pela unidade de ação e orgânica do movimento sindical em escala mundial, pela solidariedade internacional da classe operária.

Delegados dos países estrangeiros depositam uma coroa de flores no túmulo de Stálin. Na outra foto: um grupo de delegados latino-americanos passeia no maravilhoso e imponente «metrô» de Moscou, vendo-se Lazaro Pena, secretário geral da Confederação de Trabalhadores de Cuba, Lourival Vilar e Antonio Garcia Moreno, secretários da Confederação de Trabalhadores da América Latina, Ramiro Lucchesi, presidente da Confederação dos Trabalhadores do Brasil.



Uma visão parcial do XI Congresso dos Sindicatos Soviéticos, na sala de reuniões do Soviet Supremo da URSS.

DEMOCRACIA SOVIÉTICA

A sessão de instalação do Congresso foi assistida pelos camaradas G. Malenkov, N. Krustchev, A. Mikoian, L. Kaganovitch, M. Suslov e outros dirigentes soviéticos em nome do Governo e do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Os delegados nas suas intervenções referiam-se com carinho e orgulho à saudação do Comitê Central lida da tribuna do Congresso pelo camarada Suslov.

Nos países capitalistas, um congresso sindical defronta-se sempre com a necessidade de enfrentar as medidas anti operárias dos governos, tem de chocar-se inevitavelmente com a política de guerra que leva à intensificação da exploração dos trabalhadores, aumenta a carestia de vida e engendra medidas cada vez mais intoleráveis contra as liberdades democráticas.

Na União Soviética, pelo contrário, não existe esse fosso separando e opondo os trabalhadores e o governo. Na URSS, a exploração do homem pelo homem foi abolida para todo o sempre. A política de paz do Governo Soviético, seu desvelo em criar uma economia de abundância para satisfazer as necessidades materiais e culturais sempre crescentes de toda a população vem ao encontro das aspirações mais nobres e elevadas dos trabalhadores e criam uma atitude nova diante do trabalho, a atitude comunista que considera o trabalho não uma carga insuportável mas um motivo de alegria, de honra e dignidade.

Assim são os sindicatos na democracia soviética.

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1954 (Edição n° 269)

Intensificar e Desenvolver a Crítica de Base

CARLOS PEIXOTO

A CRÍTICA E A AUTOCRÍTICA são peculiares ao partido marxista-leninista, partido combativo, revolucionário, que transforma a vida sobre novas bases. Na crítica e na autocritica aberta, franca e honesta, o Partido Comunista busca novas forças, encontra um poderoso meio de superar as dificuldades e de evitar a auto-suficiência, a negligência, a acomodação.

O Projeto de Estatutos do P. C. B. impõe aos membros do Partido o dever de desenvolver a autocritica e a crítica de base, o dever de apontar as deficiências no trabalho e procurar saná-las. Os organismos do Partido devem educar os comunistas no espírito da intransigência em relação aos erros e defeitos no trabalho.

Para levar à prática estas indicações dos Estatutos, é imprescindível não confiar no espontaneísmo. É imperioso organizar a luta nesse sentido. A autocritica e a crítica de base só podem tornar-se um meio eficaz de revelar e acabar com os erros e debilidades, se se fizerem uma parte orgânica e inseparável da direção partidária, um método permanente de trabalho partidário.

A importância da crítica de base reside em que faz crescer o papel do militante de base na vida partidária, dá-lhe a certeza de que o Partido pertence a todos os seus membros, intensifica a participação do membro do Partido na militância social. A crítica de base, além de ser um direito do membro do Partido, está reforçada nos Estatutos no capítulo dos deveres do membro do Partido. O desenvolvimento da crítica de base figura entre as atribuições dos organismos do Partido.

A crítica de base, ao invés de abalar, reforça a disciplina do Partido. No Partido Comunista não pode haver membros intangíveis, sejam estes dirigentes ou simples militantes, não é admitida uma atitude senhorial. Todo aquele que erra ou comete uma debilidade deve ser criticado, a fim de que possa localizar as causas desse erro ou debilidade e cortá-las pela raiz. A crítica de base desenvolve o respeito das direções pela opinião dos militantes dos órgãos inferiores das organizações de base que executam a linha política do Partido junto às massas.

A imprensa é um dos meios de que dispõe o Partido para o desenvolvimento da autocritica e, em particular, da crítica de base. Uma atitude compreensiva e atenciosa dos jornais populares em relação às queixas e observações dos trabalhadores tem uma grande importância para elevar a atividade das organizações de base na luta pela aplicação do Programa do Partido. Nem todos os jornais populares assumem uma atitude justa para com as cartas dos trabalhadores. Por mais de uma vez o Partido já teve que organizar a luta contra incompreensões dessa ordem em nossa imprensa, principalmente quando se trata de reconhecer publicamente a ação subestimação de denúncias e protestos formulados pelos trabalhadores.

Outro importante meio para desenvolver a crítica de base e a autocritica é a democracia interna do Partido. O grande Stálin ensinava que para levar as grandes massas a fazer crítica é necessário desenvolver a democracia em todas as organizações de massa da classe operária e, antes de tudo, dentro do próprio Partido. Stálin dizia que «sem essa condição a autocritica é uma abstração, um zero à esquerda, uma frase».

As reuniões de Partido, as conferências, os plenos dos comitês e as assembleias das organizações de base, são a tribuna que permite aos comunistas exercer o direito de analisar de maneira livre e prática os problemas da política partidária. A significação das reuniões do Partido como tribuna de crítica e autocritica, como meio eficaz de elevar a atividade dos comunistas, manifesta-se nos trabalhos preparatórios do IV Congresso do Partido. As assembleias das organizações de base devem transcorrer numa atmosfera de crítica amplamente desenvolvida, crítica de princípios, eficiente e concreta.

Posições falsas, como o desprezo ou o temor pela crítica, devem ser tenazmente combatidos e extirpados. A atitude auto-suficiente em relação à crítica ou o seu reconhecimento só em palavras, são outros graves defeitos. Há militantes que não querem aparecer como o que realmente são. O membro do Partido que procura fazer com que as críticas a ele formuladas não cheguem ao conhecimento dos organismos superiores, não apenas teme a crítica e visa sufocá-la, mas revela tendência ao carreirismo.

Numa assembleia da organização de base de um comitê de empresa, em São Paulo, o assistente do organismo foi criticado por sua inoperância. A crítica autocritica eficaz, uma atitude como esta. O deatidade falsa, antipartidária: pediu que a crítica a ele feita não constasse da ata. É profundamente prejudicial ao desenvolvimento da crítica de base e da auto-crítica eficaz, uma atitude como esta. O desejo de lutar contra as deficiências se fortalece, quando os militantes se convencem de que os defeitos e falhas apontados serão combatidos e sanados. Não devemos poupar esforços para um amplo desenvolvimento da autocritica eficaz e, particularmente, da crítica de base, a fim de prevenir a tempo os erros, extirpá-los no nascedouro, não permitir que se desenvolvam. «Dirigir é prever, e prever nem sempre é fácil» — ensinava o grande Stálin. Daí a necessidade de contar com a experiência das massas, considerar suas observações e propostas para melhorar o trabalho, e assim evitar surpresas.

Desenvolvendo o espírito de iniciativa dos militantes, apontando e liquidando com firmeza as deficiências no trabalho, as organizações do Partido executarão com êxito as tarefas estabelecidas no Programa do P. C. B., transformando-o em realidade viva para o bem-estar de nosso povo e glória de nossa Pátria.

Trecho Do Informe De LUIZ CARLOS PRESTES Sobre O Programa Do P.C.B.,

«NESTE COMITÊ NACIONAL, ao aprovarmos e levarmos ao conhecimento do Partido, da classe operária e do povo brasileiro o projeto de Programa do Partido, precisamos, simultaneamente, assinalar com franqueza o que havia de falso e errado em nossas posições anteriores, particularmente em documento programático tão importante como o Manifesto de Agosto, que tem até agora servido de base para toda a atividade do Partido.

São grandes as diferenças entre os dois documentos, entre o novo projeto de Programa e o programa que apresentamos em 1950 com o Manifesto de Agosto.

Tomemos, por exemplo, um problema tão importante como o da posição do Partido diante da burguesia nacional. Enquanto agora proclamamos expressamente que «o governo democrático de libertação nacional não confiscará as empresas e os capitais da burguesia nacional», no programa de agosto de 1950 reclamávamos taxativamente a nacionalização dos Bancos e de «todas as grandes empresas industriais e comerciais de caráter monopolista ou que exerçam influência preponderante na economia nacional». Levantávamos ainda a «completa nacionalização das minas, das quedas d'água e de todos os serviços públicos». Isto significa que, enquanto no novo projeto de Programa não tocamos nas bases do capitalismo, em agosto de 1950 cometíamos o erro de não supor possível que uma parte considerável da burguesia nacional pudesse, nas condições de luta do povo pela libertação do jugo imperialista, tomar posição de apoio ao povo ou, pelo menos, de neutralidade favorável ao povo. Não tínhamos, portanto, uma justa compreensão do caráter da revolução em nosso país em sua etapa atual. Se bem que não tivéssemos jamais deixado de reconhecer o caráter semicolonial de nosso país, na verdade, ao formularmos o programa de agosto, esquecemos a diferença entre as duas etapas da revolução nos países coloniais e dependentes. Mostrando em que consiste a base em que se apoiam os Partidos Comunistas ao fazer o exame dos problemas do movimento revolucionário nos países coloniais e dependentes, já ensinava, no entanto, o camarada Stálin, em 1927:

«Consiste em estabelecer uma nítida diferença entre a revolução nos países imperialistas, nos países que oprimem outros povos, e a revolução nos países coloniais e dependentes, nos países que sofrem a opressão imperialista de outros Estados. A revolução nos países imperialistas é uma coisa: néles, a burguesia é oprimida de outros povos; néles, a burguesia é contra-revolucionária em todas as etapas da revolução; néles, falta o fator nacional como fator da luta emancipadora. A revolução nos países coloniais e dependentes é outra coisa: néles, a opressão imperialista de outros Estados é um dos fatores da revolução; néles, essa opressão não pode deixar de afetar também a burguesia nacional; néles, uma etapa determinada e num determinado período, a burguesia nacional pode apoiar o movimento revolucionário de seu país contra o imperialismo; néles, o fator nacional, como fator da luta pela emancipação, é um fator da revolução.

«Não estabelecer esta distinção, não compreender esta diferença, identificar a revolução nos países imperialistas com a revolução nos países coloniais, significa desviar-se do caminho marxista, do caminho leninista, e colocar-se no dos partidários da II Internacional.»

Sem partir desta base teórica não é possível determinar com justeza o caráter da revolução em nosso país. A direção do Partido não assimilara, suficientemente, esses ensinamentos básicos do leninismo e por isso, ao formular em 1950 o programa do Manifesto de Agosto, não levou em consideração todas as características da revolução democrático-popular nos países coloniais e dependentes, revolução anticolonialista e antifeudal.»

A REALIZAÇÃO do IV Congresso do PCB desperta todo o Partido para um trabalho decisivo. Trata-se de conseguir que as organizações de base intensifiquem sua atividade, cumpram seu papel de dirigente político das massas, trabalhem cada vez mais e melhor, adotando métodos justos. Esta deve ser uma preocupação permanente do Partido.

As organizações de base são o alicerce, os fundamentos do Partido. Sem fortes organizações de base, estreitamente vinculadas às massas das fábricas, fazendas, bairros, o Partido do proletariado não poderá cumprir sua missão histórica, tornar vitorioso o seu Programa.

Cabe às organizações de base a função precípua de ligar a classe operária e as massas populares com o Partido. São as organizações de base que executam a linha do Partido junto às massas. Por isso, as organizações de base realizam o trabalho de agitação e propaganda e de organização entre as massas, a fim de atraí-las para posições do Partido e para a realização das tarefas indicadas pelo Partido. As organizações de base ouvem a voz das massas, transmitem seus sentimentos e aspirações aos organismos superiores do Partido, estudam com desvelo os problemas dos trabalhadores e do povo nas empresas e em todos os locais de trabalho, a fim de refletir esses problemas com fidelidade e dar-lhes soluções justas.

MAIOR ATIVIDADE POLÍTICA DAS ORGANIZAÇÕES DE BASE

Para que cumpram suas tarefas, as organizações de base do Partido não devem se confundir com as organizações de massas. Precisam ser órgãos de ação política, ágeis e sensíveis, capazes de responder com presteza aos acontecimentos, de colocar-se à frente das massas e dar justa solução para seus problemas. É necessário que as organizações de base do Partido funcionem, vivam os acontecimentos e a eles imprimam a linha do Partido, para que a linha do Partido não fique no papel como coisa morta.

Importante fator para que as organizações de base do Partido desempenhem sua função, é que os membros do Partido possuam um nível político e ideológico à altura das exigências, das necessidades da luta pela vitória do Programa do PCB. Dê-se modo, cabe às organizações de base planificar e estudo político dos membros do Partido e controlar a assimilação por eles de conhecimentos básicos do marxismo-leninismo. O do-

mínio de um mínimo de conhecimentos da teoria revolucionária do proletariado implica na assimilação do Programa do Partido, instrumento com que trabalham as organizações de base entre as massas. Só assim, os militantes poderão defender as soluções do Programa como únicas soluções para os problemas que surgem na atividade diária das organizações de base, saberão explicar o Programa diante das massas, esclarecer e convencer, utilizar argumentos extraídos da prática viva dos fatos, a fim de demonstrar a justiça e a viabilidade do Programa.

No desempenho do seu papel de vanguarda, as organizações de base devem reunir-se com regularidade, recrutar novos membros para o Partido, saber aproveitar todos os militantes por meio de uma adequada distribuição das tarefas, ver onde os quadros produzem mais e melhor e incorporá-los assim ao trabalho cotidiano do Partido. As organizações de base que fazem recair o trabalho sobre um estreito círculo de militantes ao invés

de aproveitar todos os militantes do organismo condenam os demais militantes à estagnação, fazem-nos regredir, não os impulsionam para adiante, não os fazem avançar politicamente. A utilização sistemática da crítica e da autocritica, lei interna do desenvolvimento dos Partidos Comunistas e Operários, educa os militantes no espírito da intransigência ante os defeitos e falhas no trabalho e é, por isso também uma das tarefas das organizações de base do Partido que devem ser cumpridas com rigor.

Mas para que as organizações de base possam desempenhar seu papel de vanguarda e cumprir as tarefas que decorrem de sua própria natureza, é indispensável que estejam íntima e indissolvemente ligadas às massas. Da sua capacidade de lançar raízes no seio das massas, levantar os problemas dos trabalhadores, traduzir os anseios do povo, depende a sorte da linha do Partido que as organizações de base executam junto às massas, depende, em última instância, a aplicação vitoriosa do Programa do Partido.

O fortalecimento e a maior atividade política das organizações de base do Partido, representa a segurança de que o Programa do Partido será mais rapidamente transformado em realidade, atingindo seus nobres e patrióticos objetivos.

NÃO há exagero em dizer que a nossa marinha mercante se encontra numa situação de quase bancarrota.

São as estatísticas oficiais que nos dizem que o Lóide Brasileiro, a maior empresa de navegação do país e pertencente ao patrimônio nacional, apesar das subvenções concedidas pelo governo como a de 377 milhões de cruzeiros em 1954, encerrou suas atividades nesse ano com um prejuízo de 106 milhões. Esse prejuízo, somado a outros anteriores, perfaz um «déficit» de 183 milhões de cruzeiros no citado ano.

Para dar uma idéia da precariedade de nossa frota mercante e do grau de vasalagem a que chegou o governo de Vargas em frente aos imperialistas norte-americanos, citaremos alguns fatos que falam por si mesmos: em fevereiro do corrente ano, o navio «Lóide Guatemalá», integrante da frota do Lóide, foi sequestrado nos Estados Unidos, sobre o pretexto de que a empresa era devedora de certa quantia a estaleiros americanos,

O PROGRAMA DO P.C.B. E A DEFESA DA MARINHA MERCANTE

MANOEL BATISTA CAVALCANTE

Qual foi a posição do governo de Vargas? Protestou contra a insólita afronta? Não. O governo de Vargas, dando mais uma prova da sua submissão aos imperialistas norte-americanos, não só não protestou em defesa de nossa soberania, como ainda cometeu outro ato vergonhoso: sequestrou os salários dos marítimos para pagar as dívidas citadas, condição que os americanos impunham para liberar o navio. Um ato de tamanha indignidade mostra o conceito de que goza esse governo no exterior. E mostra-nos também que os dias de nossa frota mercante,

particularmente do Lóide Brasileiro, estão contados. Se não resistirmos, se não impedirmos que o governo de Vargas continue sua política de liquidação de nossa soberania e venda do Brasil no balcão dos imperialistas de Wall Street.

Há quem apresente várias soluções para o problema de nossa marinha mercante. Entre estas a mais apregoada é a do chamado reaparelhamento da sua frota, através da compra de navios no exterior. É este o plano que mais convém aos imperialistas dos Estados Unidos, o qual longe de solucionar o problema e agravar a ainda mais. E o pior nesse plano é que o reaparelhamento esconde os objetivos dos imperialistas americanos que, com isso, pretendem tornar nossa frota mercante cada vez mais dependente dos seus fornecimentos. Liquidar nossa precária indústria de construção naval, lançar ao desemprego milhares de trabalhadores brasileiros e dominar nossa marinha mercante através de acordos escravizadores. Os imperialistas norte-americanos vêm no controle dos nossos transportes marítimos e fluviais uma etapa para a completa dominação de nossa Pátria.

Todas as pessoas que se dedicam ao estudo desse problema sabem que os prejuízos das companhias nacionais de navegação, como o Lóide e a Costeira, não são fundamentalmente em consequência das deficiências dos seus navios. Os fretes marítimos seriam bastante lucrativos para assegurar bons lucros às companhias de navegação, não fosse a política de traição do governo Vargas que, violando o artigo 155 da Constituição, entrega o serviço de cabotagem às companhias de navegação marítima estrangeiras como a Moore Mc. Cormack e outras. Vargas, servil do imperialismo americano, quer matar dois coelhos de uma cajadada: liquidar a frota mercante nacional e a regional. Em resultado dessa criminosa política de proteção à Moore Mc. Cormack e liquidação do que é nosso, como acontece na Amazônia para citar um exemplo, os navios da empresa americana penetram rios acima e raspam todas as cargas das margens, prejudicando os concorrentes que, no caso, não são somente os pequenos armadores da região, mas também as empresas nacionais.

Não fossem os acordos lesivos aos interesses nacionais, firmados pelo governo brasileiro nas conferências sobre fretes, mediante os quais os países com que comerciamos se reservam o direito exclusivo do transportar as mercadorias que nos vendem e que nos compram, ficando desse modo a frota mercante nacional impossibilitada de concorrer com as empresas estrangeiras dentro do próprio país, nossas empresas de navegação seriam prosperas. Em consequência, outra poderia ser a situação dos milhares de pessoas que empregam suas atividades honestamente nessas empresas.

Num país de precárias vias de comunicações terrestres, como o nosso, onde o grosso da produção agrícola e industrial é transportado por vias marítimas e fluviais, acrescido da circunstância de sermos um país que exporta grande parte do que produz e importa muito do que consome nada justifica a situação ruínosa em que se encontra a marinha mercante nacional. Só mesmo uma política dirigida contra os interesses nacionais e em benefício dos imperialistas americanos poderia dar origem não só ao que se passa com a marinha mercante, mas com a nossa indústria, agricultura, pecuária, todos os ramos da produção.

Numa situação como a em que se encontra a marinha mercante nacional, não há reaparelhamento que dê jeito. É característico nesse sentido o que acontece com os navios do Lóide que têm nomes de países. Esses navios são quase tão modernos quanto os da Mc. Cormack. Contudo, enquanto essa empresa transporta quase todo o nosso café, cacau, etc., trafegando com os porões abarrotados, os navios do Lóide enchem os tanques de água salgada para poder navegar. O resultado é que enquanto o Lóide dá prejuízo, a Mc. Cormack obtém lucros fabulosos. Somente em 1952 seus lucros líquidos foram de 8.900.000 dólares. Há navios do Lóide, dentre os mais

Os Direitos...

(Conclusão da 1ª pag.)

e defeitos no trabalho é preciso assumir uma atitude franca e corajosa diante dos mesmos. Só assim poderemos descobrir e extirpar suas causas. Não! Alexei Maximovitch — escrevia Stálin — não podemos prescindir da crítica e da autocrítica. Elas são para nós como o ar que respiramos.

Mas os membros do Partido também têm o direito de apresentar propostas, sugestões e observações e comunicar os defeitos no trabalho do Partido a qualquer organismo do Partido, inclusive ao Comitê Central. Esse direito é reforçado no capítulo dos deveres. Dever do interessado que tem o militante comunista pelo fiel cumprimento das tarefas do Partido, estimulá-lo a lutar contra a passividade e a indiferença na execução das tarefas, colocá-lo a coberto da possibilidade de sua iniciativa ser dificultada porquanto pode dirigir-se ao Comitê Central do Partido. É esta uma conquista nova nos Estatutos, uma demonstração de que se reforça a democracia interna no Partido.

Finalmente, o membro do Partido, entre os seus direitos, conta com o de exigir sua participação pessoal sempre que se trate de resolver sobre sua situação ou conduta. Isto quer dizer que nenhuma resolução pode ser adotada sobre a vida ou o comportamento de um militante, à sua revelia. As razões do militante do Partido têm que ser pesadas por aqueles que examinam fatos com ele relacionamos, a fim de que possam resolver de forma justa, de acordo com os interesses da classe operária e do Partido.

Ao reconhecer amplos direitos aos comunistas, os novos Estatutos do Partido elevam a um nível mais alto a condição de membro do Partido, contribuem para aumentar o espírito combativo e a responsabilidade dos militantes, ampliam a democracia interna, fazem com que todo o Partido, de alto a baixo, realize um mais sério esforço no sentido de colocar-se à altura do honroso título de membro do Partido.

O Programa do P.C.B. e os arquitetos brasileiros

Conclusão da 3ª página

quando nos alerta contra as falsas conclusões que podem tirar da tese que defendemos os que pretendem justificar com as condições sociais presentes um trabalho formalista.

Reconhecemos ter havido, a esse respeito, lacuna em nosso trabalho e, quanto a isso, aceitamos sua crítica. Ao fazê-la, porém, o nosso colega incorre num erro muito mais grave, o de opor a solução revolucionária a uma perspectiva de ação unitária imediata. Essa oposição é radicalmente falsa e caracteriza uma incompreensão da nossa posição política no que tem de mais importante no momento atual. Se fosse verdade o que diz o nosso colega tratando dos arquitetos, como compreendemos a nossa atividade política nos outros setores? Os fatos mais evidentes estão demonstrando que a perspectiva da única solução, apontada pelo Programa, longe de dificultar o trabalho imediato de frente-única é a base desse trabalho. Quem melhor luta pelo salário-mínimo, agora, do que os operários de vanguarda, os comunistas, os que têm em vista uma clara perspectiva revolucionária? Quem melhor tem defendido a nossa cultura nacional, nesta etapa, do que os intelectuais que o fazem sem

perder de vista a «única solução»? Não vemos por que o trabalho dos arquitetos há de ser uma exceção. Os fatos concretos estão demonstrando precisamente o contrário. Quais são os arquitetos que se têm precipitado em fazer a autocrítica do seu formalismo artístico, que desejam elevar a sua arte até o nível de uma arte expressiva das aspirações nacionais e populares, sendo aqueles que não têm a questão estética isoladamente e sim com um sentido do patriótico e progressista?

O erro do nosso colega é amigo Graeff parece residir numa interpretação seccária do Programa. que é visto como algo susceptível de assistir os patriotas não comunistas. Essa gravíssima incompreensão consiste em ver no Programa, um Programa acima do nível das massas, um Programa com objetivos não imediatos.

Achamos que é justamente o contrário, que se trata de um Programa capaz de unir todos os patriotas de qualquer tendência porque os seus objetivos são os objetivos imediatos do povo. Tudo depende de que saibamos compreendê-lo e transmiti-lo ao povo sem temor, com o seu verdadeiro caráter de Programa patriótico acessível a todo bom brasileiro.

DEMETRO RIBEIRO

UMA TESE DO PROGRAMA QUE A VIDA CONFIRMA

FLÁVIO SOUTO

POUCOS meses apenas após a publicação do Projeto de Programa do PCB, já temos a registrar uma série de fatos da vida cotidiana que confirmam em cheio a afirmação feita neste documento histórico de que «A aliança dos operários e dos camponeses unidos os artesãos, os pequenos e médios industriais e comerciantes que sentem as consequências desastrosas do domínio americano e da política de traição nacional de Vargas, uniu-se do ainda grande parte dos grandes industriais e comerciantes que também sentem a concorrência dos imperialistas americanos e sofrem os efeitos da política econômica e financeira de Vargas».

É certo que são vacilantes e inconseqüentes as manifestações da burguesia nacional diante da política econômica de submissão aos imperialistas norte-americanos dos srs. Vargas e Aranha. Mas por mais vacilantes que sejam — e temos o dever de combater estas vacilações — estas posições devem ser interpretadas como sinais da possibilidade de ampliar mais e mais a frente única contra Vargas e contra a dominação imperialista norte-americana.

Existem alguns exemplos de manifestações da burguesia nacional que revelam a possibilidade de atrair a para a frente-única antifederal e antiimperialista. A firma C.A.I.O., através de seus diretores se dirigiu em carta ao Sindicato dos Metalúrgicos propondo uma luta comum contra a política anti-nacional de Vargas contra a indústria nacional em face do «esquema» Aranha que ameaça liquidar as indústrias nacionais de montagem de veículos. Vale a pena ainda citar o exemplo da Fábrica de Penicilina «ISA» cuja direção denuncia as manobras monopolistas da indústria química-farmacêutica norte-americana no Brasil. Temos aí um exemplo que ilustra bem a diferenciação que se processa na burguesia. De um lado está o grupo da «ISA», grupo que podemos incluir entre a burguesia nacional e que pode e deve ser ganha para a frente-única já que seus interesses coincidem com as posições antiimperialistas das massas trabalhado-

ras. De outro lado está um grupo como o de Fontoura, eminência pará da candidatura Jânio Quadros, que traí os interesses nacionais e se alia aos imperialistas norte-americanos.

Não param aí as manifestações da burguesia nacional em São Paulo. Uma série de fatores contribui para que a burguesia nacional reclame contra a atual política. A medida que falta energia elétrica, matérias-primas e equipamentos, que cresce a concorrência dos produtos manufaturados norte-americanos, que se acentua a unilateralidade do nosso comércio e que se fazem sentir os efeitos da política inflacionária do Banco do Brasil, que com a recente emissão de letras drenou dos Bancos de São Paulo centenas e centenas de milhões de cruzeiros reduzindo ainda mais as possibilidades de crédito ao comércio e à indústria nacional, maior é a grita da burguesia nacional. A «Folha da Manhã» de 23 de junho noticia a demissão dos diretores da Delegacia Regional de São Carlos do Centro das Indústrias de São Paulo e o desligamento daquela Delegacia da CIESP. Quais as acusações que os industriais de São Carlos fazem ao Centro das Indústrias do Estado de São Paulo? Eis-las: 1) Falta de apoio a reivindicações de interesse de industriais — santarzenses. 2) «a tibieza, falta de afirmação, ausência de independência e espírito de luta dos responsáveis pelos destinos da indústria nacional, quando periclitam não apenas direitos da comunidade industrial brasileira, mas, principalmente, os superiores, fundamentais e impostergáveis interesses de nossa pátria». 3) «cumplicidade da CIESP quando silencia e se acomoda na contemplação estática da consumação de medidas executivas altamente lesivas e mesmo impeditivas do desenvolvimento da indústria nacional, desenvolvimento esse absolutamente necessário para o definitivo alicerçamento econômico do país».

Eis aí alguns exemplos que mostram as possibilidades da aplicação do Programa no que se refere à inclusão da burguesia nacional na frente-única antifederal e antiimperialista.

Sobre os artigos publicados na «Tribuna do IV Congresso»

Os artigos assinados, que saem na «Tribuna do IV Congresso», representam a opinião dos seus autores que, livremente, defendem seus pontos-de-vista.

Todo membro do Partido tem o direito de colaborar na «Tribuna do IV Congresso» e pode criticar os artigos nela publicados.

A Frente-Única e a Atividade Artística e Literária

RIVADÁVIA MENDONÇA

OS PROBLEMAS da cultura e da frente-única no setor da intelectualidade brasileira estão-se tornando mais frequentes nos debates do IV Congresso. Este fato constitui uma oportunidade, para todos nós, de estudar os vários ensinamentos do Programa do Partido.

Ainda agora temos o artigo: «Aspectos táticos da Luta na Frente Cultural», de autoria do camarada Tancredo Alves, publicado a 12 de junho no Suplemento da VOZ OPERÁRIA, no qual são abordados assuntos ligados à nossa política cultural.

Depois de verificar os pontos de vista sustentados de modo tão detalhado nos «Aspectos Táticos», creio que o trabalho do camarada Tancredo Alves necessita de reparos que coloquem melhor os problemas por ele analisados e que estão causando erros e confusões.

Dentre todos esses erros e confusões, merece atenção em primeiro lugar aquele em que Tancredo critica a falta de ajuda «de parte dos organismos responsáveis» quando diz: «... força é também declarar que não temos tido o auxílio desejado de parte dos organismos responsáveis. Caminhamos às cegas em questões fundamentais de nossa vida histórica e social em grande parte porque nunca nos foi dado ouvir a opinião a respeito de quem melhor autorizados».

Trata-se aí de uma severa crítica à direção do Partido (porque órgãos responsáveis são a direção) que não corresponde de nenhum modo aos fatos. Desde 1949 pelo menos, podemos dizer que os intelectuais do Partido têm recebido uma ajuda constante, carinhosa e altamente valiosa, de parte da direção, por meio de conferências, discussões, cursos, materiais específicos, assistência ininterrupta. Voltada sobretudo para a elaboração do grande documento que é o Programa do Partido e para a construção do Partido especialmente onde isto é fundamental ao seu fortalecimento, ou seja, junto à classe operária, mesmo assim a direção do Partido sempre revelou um carinho especial para com a intelectualidade e os problemas da cultura.

O importante acontecimento que foi o Congresso Nacional de Intelectuais de Goiânia, por exemplo, em que tivemos oportunidade de entrar em contato com a intelectualidade brasileira de modo novo e amplo, não teria sido possível se não fosse essa longa e persistente ajuda dos organismos responsáveis, e mais particularmente, da direção central do Partido.

Muito mais não aprendemos e muito mais não aproveitamos dessa ajuda teórica, durante todo este período, é porque nós mesmos não fomos capazes de assimilar melhor esses ensinamentos, não nos libertamos suficientemente dos vícios de origem de que nos impregnam a ideologia e a vida não revolucionária que trouxemos conosco para dentro do Partido. Apesar disto, a mudança qualitativa nos nossos métodos de trabalho, na compreensão política de nossas tarefas práticas e de produção artística, literária ou científica, é um fato auspicioso que dificilmente se poderá negar.

Falsa, estranha e tendenciosa é, por isto mesmo, a afirmação do camarada Tancredo Alves, especialmente quando o seu erro lhe permite passar adiante para avançar uma dedução do mesmo modo destituída de veracidade, ao afirmar que: «Um reflexo de tudo isto (a falta de auxílio desejado, de parte dos organismos responsáveis, a que se refere antes) é o espírito vigente de temor a dar publicidade a tudo que não seja considerado correto a priori, do ponto de vista político ou teórico, espírito que leva na prática ao desestímulo e mesmo ao cerceamento do debate».

Esse prévio diploma de correção que estaria sendo exigido pelos «órgãos responsáveis», a que alude Tancredo Alves, visando de modo sibilino à crítica à direção do Partido, é fantástica invenção imaginativa do próprio camarada Alves. Quando é que um músico, um arquiteto, um pintor, um poeta ou um escritor tem sentido o peso dessa exigência apriorística na elaboração e divulgação de seus trabalhos? Muitos escritores têm procurado, é certo, ouvir a opinião da direção do Partido a respeito de suas obras, antes de publicá-las e, neste caso, têm ouvido valiosa crítica fraternal que tem ajudado aos autores melhorar, corrigir e expurgar seus trabalhos de muitos erros e subjetivismo desnecessários. Ao agirem assim tais intelectuais, dão eles demonstração de que reconhecem pleno valor no ensinamento de Lênin:

«Todos são livres de escrever e de dizer o que quiserem sem a menor restrição. Porém, toda associação livre (compreendida nela o Partido) é livre também de expulsar aos membros que abusam do nome do Partido para propagar idéias contrárias ao Partido. A liberdade de palavra e de imprensa deve ser completa. Sou obrigado a conceder-te, em nome da liberdade de palavra, o pleno direito de gritar, de mentir e de escrever o que te agrade. Mas tu és obrigado, em nome da liberdade de associação, a conceder-me o direito de formar ou romper uma aliança com pessoas que dizem isto ou aquilo».

O camarada Tancredo Alves registra também a existência entre nós de uma «política de avestruz» que consiste em silenciar os fatos que nos seria espinhoso tratar, como no caso da recente publicação das «Memórias do Cárcere», de Graciliano Ramos».

Por que seria espinhoso tratar do livro do saudoso camarada Graciliano Ramos? Nada disto. O livro está aí e qualquer camarada tem o direito (e o dever) de sair com um trabalho crítico sobre a obra do romancista. Por que o camarada Tancredo Alves não toma a si a incumbência de analisar o trabalho «Memórias do Cárcere»? O silêncio não é «espinhoso» e, se existe, é porque os nossos camaradas, críticos especializados, não quiseram ainda (o que é lamentável) rompê-lo.

O camarada Tancredo Alves aborda também no seu artigo os problemas suscitados pela Carta do camarada Jorge Amado à «Imprensa Popular», a respeito da crítica feita a «O Canto do Mar», de Alberto Cavalcanti, Carta essa que nem mesmo o nosso grande romancista de «Os subterrâneos da Liberdade» teve a preocupação de lançar como

um «fato alvissareiro», «novo» e «da maior importância», conforme os qualificativos de Tancredo Alves. Tenho a convicção de que o próprio camarada Jorge Amado deverá surpreender-se com essa adjetivação, porque ele visou apenas com aquela carta a opor reparos seus nos conceitos emitidos inadequadamente em uma crítica cinematográfica e não teve certamente a intenção de aprofundar problemas, mas somente contribuir para os entendimentos de frente-única a que nos propunhamos na preparação e realização do Congresso de Goiânia.

Nesse trabalho de frente-única com a camada da intelectualidade brasileira, podemos forjar a unidade da maneira mais ampla possível, estendendo a mão a todos aqueles que quiserem dar um passo sequer em defesa da nossa cultura, da emancipação do nosso povo, da paz, das liberdades. Basta que um intelectual lute por exemplo contra as histórias em quadrinhos que deformam o caráter de nossos filhos, basta que um pintor esteja empenhado na campanha do «Preto e Brancos», ou que um cineasta se aplique no trabalho de conquistar o intercâmbio, sem discriminação, de películas e materiais de filmagem, em qualquer desses e de outros casos semelhantes teremos nós o ponto de partida para um trabalho de unidade, de realização de frente-única.

Ao fazermos frente-única com os nossos aliados, entretanto, não podemos abrir mão do dever de divulgar e propagar os nossos princípios, de procurar convencer da superioridade do realismo socialista e de praticar sempre que oportuna a nossa crítica aos trabalhos e produções artísticas e literárias dos nossos aliados. Se assim não fizermos, aceitaremos uma posição estática e morta na frente-única, eliminando a possibilidade de torná-la cada vez mais alta e de levá-la a objetivos cada vez mais concretos e avançados. Seria aceitar que tudo permanecesse no ponto inicial do trabalho e aí nos dissolvêssemos na posição inferior, correspondente ao ponto de partida, sem nenhuma perspectiva de marcharmos para o ponto alto de chegada que devemos atingir.

No que diz respeito à obra artística ou literária, não será o caso de exigir (como expressão gramatical) a melhor formulação para caracterizar o que fazer diante do aliado. Mas será o caso de convencer, persuadir, ajudar a avançar, aos nossos intelectuais aliados, a fim de que não fiquem parados na obra objetivista, episódica, sem solução, meramente crítica, de registro de fatos nem sempre fundamentais.

Esta missão que cabe aos intelectuais comunistas é exercida através da crítica, que deve ser frequente, oportuna, de princípios, construtiva, de ajuda, serena, clara, destinada a ressaltar a realidade.

Podemos dizer por isto mesmo a Alberto Cavalcanti sobre o cinema, o que já disse o «Bolchevique» sobre literatura:

«Não pode a nossa literatura ficar indiferente, passando ao largo dos fenômenos negativos de nossa vida».

Não somos neutros entre duas realidades, nem podemos colocar-nos acima delas. Ficamos com a classe nova, focalizando o novo que se desenvolve — e disto é que devemos convencer os cineastas, os pintores, os poetas, — os escritores, todos os intelectuais brasileiros enfim.

Devemos esclarecer-nos de que não procuramos fazer frente-única na base ou em torno de uma determinada obra de arte, mas sim na base de princípios políticos, tendo-se em vista a atitude de cada homem de cultura em face desses princípios mínimos. A obra de arte, nós a encararemos do ponto de vista de nossa estética e de nossos critérios de crítica. Mas criticaremos sempre, porque esse é o nosso dever, para tornarmos claros nossos pontos de vista e também para não silenciarmos sobre o que está errado, falho, incompleto ou mutilado. Em caso contrário aceitaremos a mutilação da verdade ou a sua substituição pelo embuste.

Mao Tsé Tung nos ensina que atitude tomarmos com os nossos aliados, com os quais nos devemos confraternizar e para os quais devemos «contribuir com nossa crítica quando julgarmos necessária». O que é de todo indispensável evitar é o sectarismo em nossa crítica, o que não exclui a existência e a prática constante da própria crítica.

O camarada Tancredo Alves está equivocado também na parte em que nega a existência de duas culturas em um país como o Brasil. A sua interpretação de célebre ensinamento de Lênin é absurda e não corresponde de nenhum modo ao pensamento e ao texto do genial dirigente da Revolução de Outubro, nem à realidade objetiva. Trata-se por isto mesmo de uma tergiversação sobre o pensamento de Lênin, em trecho tão claro. O Programa do Partido nos fornece úteis elementos para a comprovação desse fato, quando diz: «Nossa pátria perde rapidamente suas características de nação soberana e é invadida pelos agentes dos monopólios americanos. ... Por intermédio da imprensa, do rádio, do cinema, da literatura e da arte, reduzidos a instrumentos de colonização, procuram os agentes americanos liquidar as mais caras tradições de nosso povo e a cultura nacional. Os imperialistas americanos penetram, assim, em todos os poros da vida econômica, política, social e cultural do país, humilham o nosso povo, liquidam a independência e a soberania da nação, que tratam de reduzir por completo à situação de colônia dos Estados Unidos».

A serviço dos latifundiários e dos imperialistas americanos existe uma cultura, reacionária, contrária aos interesses do nosso povo, cosmopolita, defensora e justificadora dos privilégios dos opressores e exploradores do povo. Existe também uma outra cultura, democrática, popular, de conteúdo humano, pacífico, refletindo a vida, as lutas e as aspirações de nosso povo, apresentando já características de realismo socialista. Entre ambas há uma luta irreconciliável.

Se não nos convenceremos assim da existência dessas duas culturas, bem delimitadas, não seremos capazes de cumprir nossa tarefa nesta luta entre o novo e o velho.

RIVADÁVIA MENDONÇA

Rio, 23 de junho de 1954

O PROGRAMA DO P.C.B. E OS ARQUITETOS BRASILEIROS

DEMÉTRIO RIBEIRO

O ARTIGO «O Programa do PCB e a Arquitetura Brasileira», de autoria do camarada Edgar Albuquerque Graeff aborda diversas questões teóricas de interesse para todos os arquitetos brasileiros. Desejando dar a nossa contribuição ao debate desses assuntos, procuramos expor a nossa posição, que difere, em vários pontos, da que defende o nosso colega.

Em colaboração com os colegas Nelson Souza e Enilda Ribeiro, fizemos uma tese para o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, na qual sustentamos que a arquitetura brasileira só poderá desenvolver-se e caracterizar-se como legítima expressão da cultura do nosso povo, quando ela for feita para atender as necessidades de amplos setores da população e não, como hoje acontece, para uma pequena minoria. Disseminada ainda, que a única solução para a nossa arte e a nossa profissão está na sua verdadeira democratização.

Nas condições atuais do Brasil, o ponto de partida de uma efetiva democratização da arquitetura será a construção, em grande escala, de edifícios para atender as necessidades de milhares de brasileiros que hoje sofrem a falta de habitações dignas, não têm escolas, hospitais, estádios ou quaisquer locais adequados para viver.

O colega Graeff cita esse nosso trabalho e lhe dirige algumas críticas que não achamos justas, embora estejam acompanhadas de considerações gerais aceitas por todos nós.

1. — O nosso colega afirma que estamos errados ao afirmar que não há solução para a arquitetura brasileira nas condições do atual regime e sustenta que essa atitude, que ele tiza de falaciosa, leva o arquiteto a esperar a revolução para fazer boa arquitetura e a subestimar o seu papel imediato de defensor da nossa cultura nacional, contra o cosmopolitismo.

Continuamos achando que a única solução para a nossa arquitetura, como para os demais problemas do país, está no advento de um regime democrático-popular capaz de levar a arquitetura ao povo. Isso não significa que, no exercício da sua arte, os arquitetos nada possam fazer agora para defender a nossa cultura. Mesmo nas condições presentes, trabalhando para setores muito limitados da população, um arquiteto progressista, levado pelo seu próprio sentimento de artista ligado ao povo, valorizará a beleza de nossa cultura nacional e rejeitará a estética cosmopolita que os interesses imperialistas tentam impor entre nós. Assim, sem dúvida, haverá por parte do arquiteto uma contribuição à defesa da cultura nacional e por conseguinte uma contribuição às lutas emancipadoras nacionais.

É preciso, porém, conservar o senso das proporções. Convenhamos que, nas condições em que vive e trabalha o povo brasileiro, morando em pardieiros, sem escolas, sem hospitais, sem ambientes para a vida associativa ou esportiva, o fato de ver, de fora, alguns edifícios de real beleza e inspirados na tradição arquitetural brasileira, será, para um cidadão do povo, para

um trabalhador, de uma importância muito pequena em face de suas imensas necessidades e de suas aspirações de transformação social e de progresso.

Guardadas as devidas proporções, é justo dizer que a arquitetura pode desde já contribuir, como arte, ao movimento revolucionário. Exagerar a importância dessa contribuição, ao ponto de «deixar de lado a única solução», é, na nossa opinião, cometer um erro grave, é perder de vista o fundamental e desconhecer o que significa a arquitetura para as massas.

2. — O arquiteto Graeff pede que os «manejadores do palavreado revolucionário» suspendam as suas «críticas gratuitas contra a arquitetura moderna brasileira» e cessem o «feito — por que velado — retalhamento do prestígio de alguns dos melhores arquitetos brasileiros».

Num debate dessa natureza — entre arquitetos — o primeiro dever dos progressistas é fazer crítica e auto-crítica serena e objetiva. Os inimigos de nossa cultura tentam se aproveitar dessas discussões para dividir os intelectuais brasileiros e diminuir o prestígio incontestável dos nossos grandes arquitetos e, em geral, do talento criador dos nossos artistas. Devemos, portanto, aprender a distinguir entre a crítica franca e imparcial e as rivalidades e disputas mesquinhas que infelizmente, ocorrem algumas vezes entre artistas e profissionais.

Achamos que o nosso colega Graeff não contribui para isso, quando insinua que estamos solapando veiadamente o prestígio de nossos colegas mais ilustres. Quando dizemos que a arquitetura brasileira está ameaçada de degenerescência devido ao seu isolamento do povo e que ela não é representativa da realidade social brasileira em seu conjunto, não atentamos ao prestígio merecido dos nossos arquitetos que, felizmente, atuam nessas condições.

Com todas as divergências teóricas, somos irmãos de luta de todos os nossos colegas e queremos, como ele querem, condições melhores para o nosso povo e para a nossa arte.

3. — O Programa do P.C.B. é para os arquitetos brasileiros, antes de acima de tudo, a confirmação científica de suas mais caras aspirações. Todo arquiteto que ame a sua profissão verá no Programa a possibilidade de trabalhar em grande escala para o povo, a possibilidade de projetar obras de grande significação para o público, obras que atendam às necessidades materiais e espirituais da coletividade.

O Programa indica a única solução que dará à nossa profissão um papel decisivo na construção de um Brasil progressista e feliz.

Ao deixar de lado essa única solução, o nosso colega Graeff, que aliás também acredita nela, deixa de lado a significação principal do Programa para os arquitetos brasileiros.

Reduzindo a questão ao problema da estética da arquitetura, nas condições imediatas, o nosso colega analisa as coisas do ângulo estreito de um especialista.

Contudo, achamos que o colega Graeff tem razão

Conclui na 2ª página

Os Estatutos do P.C.B. E a Moral do Partido

OS DIREITOS DO MEMBRO DO PARTIDO

PERGUNTA — O art. 46 dos Estatutos estabelece medidas contra os infratores da moral do Partido. Para que eu possa melhor assimilar os Estatutos, peço a essa redação explicar o que significa moral do Partido.

José Felix Lobão — (Vitória — Espírito Santo).

RESPONSA — Todo militante tem o dever de educar-se de acordo com os princípios da moral comunista. A educação comunista faz parte da formação ideológica do militante. Para bem servir ao Partido e à Revolução, cada comunista deve ser exigente para consigo mesmo, superar suas debilidades num processo diário. A educação do militante de acordo com a moral proletária, comunista, está indissolúvelmente ligada à realização das tarefas que visam transformar revolucionariamente a atual sociedade brasileira, acabar com o atual regime de latifundiários e grandes capitalistas e substituí-lo pelo regime democrático-popular.

A moral comunista, proletária, é um conjunto de regras e normas que determinam a conduta dos militantes do Partido em sua luta pela vitória da Revolução. O comunista parte do princípio de que é moral tudo aquilo que contribui para a destruição da atual sociedade e a construção da nova sociedade. Seguir, portanto, os preceitos da moral comunista é, em primeiro lugar, enquadrar a nossa vida de acordo com os interesses do povo brasileiro, do Partido e da Revolução.

A moral é uma forma de consciência social. É parte integrante da ideologia. É o cerne, a medula da ideologia. A moral, em última análise, orienta a ação do indivíduo e, em nosso caso, o comportamento do militante. O comunista tem o dever de forjar-se de acordo com a moral comunista, da moral proletária, a moral do Partido e da Revolução.

É possível educarmos-nos de acordo com os princípios da moral comunista, se vivemos num regime de latifundiários e grandes capitalistas? Sim. É possível. Devemos forjarmos de acordo com os princípios da moral comunista, lutar por um grande e nobre objetivo, pela grande causa do comunismo. Lutamos pela sociedade comunista, liberta da exploração do homem pelo homem. Se temos consciência de que nos batemos por esse grandioso objetivo, torna-se evidente que temos que pautar nossas vidas por uma moral que contribua para a vitória do comunismo. Seremos cada vez melhores batalhadores pela causa do comunismo, à medida que forjemos nosso caráter segundo os preceitos da ética comunista.

Os princípios da moral não são imutáveis nem eternos. A burguesia é que defende a eternidade de seus princípios morais, a fim de perpetuar a escravidão assalariada, manter o capitalismo e evitar a liquidação do seu torpe e desumano sistema de exploração.

Os conceitos de moral têm sentido diferente, do ponto de vista de classe. A moral burguesa, por exemplo, expressa os conceitos de uma classe em decomposição que se baseia na mais detestável hipocrisia. O burguês que fala em indissolubilidade da família é o mesmo que tem duas ou três amantes. Essa moral hipócrita corresponde aos objetivos de classe da burguesia decadente. A moral que corresponde aos objetivos do Partido que tem por missão construir uma sociedade nova baseia-se em princípios elevados. Para o comunista, os fatos têm que corresponder às palavras.

Têm em nossas fileiras muitos militantes que pautaram e pautam sua vida de acordo com os princípios da moral comunista que se conduzem de acordo com os interesses da classe operária, que encarnam as melhores qualidades dos combatentes proletários. O camarada Prestes é um modelo de militante que orienta sua vida conforme os princípios da moral comunista — intrepidez, coragem, espírito de sacrifício, fraternidade, ilimitada capacidade de estudo que sempre aperfeiçoa para melhor servir ao Partido.

Outros camaradas podem servir-nos de exemplo. William Gomes revelou possuir as qualidades indispensáveis a um bom comunista. Diante de uma invasão policial, na data gloriosa da Grande Revolução Socialista de Outubro, preferiu enfrentar os bandidos da reação, a fugir, e caiu vítima de suas balas.

Manoel Rabeio, chauffeur, que possuía onze filhos, preferiu morrer sob as bestiais torturas da polícia, a delatar seus companheiros de luta.

Mario Couto, jovem médico no Rio Grande do Sul, dirigente do Partido, reagiu a uma agressão policial em difícil situação e foi assassinado.

Marma e Godoi voltaram, com risco da própria vida, ao local de onde já se haviam retirado, a fim de não deixar um camarada. A repulsa ativa e indignada de Godoi, no leito do hospital, à proposta infamante do delegado que lhe oferecia a vida se traisse o Partido, é um gesto digno de um comunista consciente do honroso título de membro do Partido, uma prova de que o Partido é também uma escola de formação do caráter.

É dever nosso aperfeiçoar as qualidades de firmeza, perseverança, decisão, serenidade. Um comunista precisa ter força moral, independência, espírito de responsabilidade, amor ao trabalho e à sua tarefa, ser honesto, abnegado, modesto e otimista. O comunista, que dá todos os minutos de sua vida ao Partido e à Revolução, deve fundir numa só peça harmoniosa, única, o seu interesse pessoal com os interesses sociais. Na verdade, não há contradição entre esses interesses. O valor do militante consiste em fundir os seus interesses com o nobre objetivo de construir a nova vida, a felicidade para todos.

Para uma luta árdua e grandiosa como a que travam os comunistas, estes precisam estar revestidos de certas qualidades que se aprimoram na escola da vida de revolucionário proletário. As fileiras do Partido vêm pessoas oriundas de todas as classes e camadas. Os comunistas que atuam nos países sob o jugo do imperialismo e da opressão feudal, como o nosso, não estão imunes à influência da ideologia da sociedade em que vivem. Precisamos, por isso, combater a influência das ideologias estranhas nas fileiras do Partido, combater em nós mesmos os princípios e conceitos da moral burguesa, típicos da sociedade que se baseia na propriedade privada; o individualismo e o personalismo.

A estes defeitos burgueses, os comunistas opõem a modéstia proletária, de que Lênin e Stálin foram brilhantes modelos, de que são exemplo em nossos dias os dirigentes soviéticos, os dirigentes chineses e o camarada Prestes.

Vários são os elementos da moral proletária que o comunista deve aprimorar em sua formação. Alguns destes elementos são os seguintes:

1 Dedicção sem limites ao Partido — O Partido é a nossa família, nosso lar, é nossa própria razão de ser. Um militante comunista não pode conceber sua vida fora do Partido. Por isso, ajusta sua vida à vida do Partido. Deve confiar sempre no Partido, certo de que o Partido encontra sempre o justo caminho. A vida do comunista deve ser um livro aberto para o Partido. O comunista não tem duas vidas: uma dentro e outra fora do Partido.

2 Amor ao nosso povo — Ninguém mais do que os comunistas sente o sofrimento de nosso povo. Emocionamo-nos ante os quadros de miséria da classe operária, dos camponeses, das massas famintas, mas não assumimos uma atitude de lamentação. Colocamo-nos, resolutamente, à frente das lutas do povo para libertá-lo dessa situação. As tradições revolucionárias e de luta de nosso povo, servem-nos de inspiração. Temos orgulho nacional das lutas populares de nosso passado e exaltamos os heróis saídos das entranhas do povo, que representavam as aspirações da época. Isto nada tem a ver com o nacionalismo estreito e o chovinismo. Somos contra o chovinismo do mesmo modo que o somos contra o nihilismo nacional, as idéias de negação da capacidade de nosso povo e das possibilidades de nossa Pátria.

3 Respeito aos povos de todos os países — M. I. Kalinin ensinava que ser internacionalista é respeitar os direitos dos outros povos. Devemos cultivar esse sentimento nos militantes do Partido. Devemos compreender que nossa luta é mundial, que na luta pela emancipação do povo brasileiro somos ajudados pelos outros povos, e que ao lutarmos pela nossa independência estamos ajudando a luta de outros povos contra o imperialismo. É certo que a revolução não se exporta, que a classe operária de cada país fará a revolução. A experiência é útil para todos. O respeito e a gratidão pelo povo que mais contribuiu para a libertação da humanidade, o grande povo soviético que realizou a maior revolução da História e libertou a humanidade do cativeiro fascista, é a pedra de toque do verdadeiro internacionalismo.

4 Destemor na luta pelos nossos objetivos — A coragem se forja e está ligada ao nível ideológico do militante. A coragem política se comprova diante do inimigo de classe. É esta uma qualidade primordial ao revolucionário e decorre da consciência política. É a convicção, a certeza na vitória final da classe operária, a educação no espírito do ódio de classe, que faz não capitular diante do inimigo, por piores que sejam as condições. O exemplo de Dimitrov, no processo de Leipzig, de Prestes, nos tribunais da reação, no Brasil, ilumina o caminho dos verdadeiros revolucionários proletários.

5 Espírito de abnegação — A revolução necessita do espírito de sacrifício dos comunistas para que seja realizada em prazos mais breves. Um comunista deve dedicar todos os seus minutos ao Partido e à Revolução, subordinar todos os seus interesses aos interesses gerais do povo. Precisamos compreender que o sacrifício que acaso façamos é uma gota d'água diante do sacrifício que evitamos ao nosso povo.

6 Respeito pela mulher, em particular pela própria companheira e pelas camaradas de Partido — O desprezo pela mulher é uma atitude típica do regime feudal-burguês. Para o burguês a mulher é objeto de prazer e instrumento de exploração. O burguês julga a mulher um ser inferior, acostumou-se e fez sua a idéia da exploração da mulher na sociedade de classes.

«Nem monges, nem d. Juans» — foi assim que Lênin definiu a posição dos comunistas em relação à questão sexual. Homens normais, que não são nem pelo casamento indissolúvel, nem pela promiscuidade. Os comunistas adotam como exemplos a esse respeito, o amor de Marx por Geny de Westphalia, de Lênin por Krúpskaia, de Prestes por Olga Benário. O puro e humano amor de pessoas dignas.

7 A modéstia — É importante elemento da moral comunista. A auto-suficiência, o pensar que tudo sabemos, impede o estudo, e portanto o avanço do militante. A auto-suficiência é uma manifestação de individualismo. Devemos compreender que a Revolução é de milhões, por isso devemos ser modestos como o são os operários e os homens do povo.

Devemos assumir uma posição justa ante os méritos contrários, que a ninguém eximem do trabalho. A falsa modéstia é um sério defeito, como o brilho exterior, a fatuidade. Um comunista não pode ter a mentalidade exibicionista da mulher burguesa, da «bonequinha de salão». Não deve, por isso, querer apenas as «boas» tarefas, etc.. Todas as tarefas do Partido são honrosas para o bom militante.

8 Espírito de disciplina — Como homem verdadeiramente independente, o comunista deve dizer a verdade, não esconder sua opinião. O Partido é uma organização democrática e centralizada. A disciplina dos comunistas distingue-se do conceito burguês de disciplina, por ser uma disciplina voluntária, consciente. A disciplina é uma condição básica para o funcionamento do Partido. Característico do Partido da classe operária é que em suas fileiras existe uma disciplina única e obrigatória para todos. A disciplina a que está obrigado o militante de base é a mesma a que está obrigado o dirigente. O comunista sabe disso e mesmo que se tenha batido contra um ponto-de-vista, deve ser o primeiro a levá-lo à prática, desde que este se tornou o ponto-de-vista da maioria e foi adotada uma decisão.

Os Estatutos do Partido são a lei básica pela qual se regem os comunistas. Para cumprir conscientemente os deveres que uma lei impõe e os direitos que concede, as pessoas precisam conhecer esta lei, precisam estudá-la.

O projeto de Estatutos do Partido, em seu art. 4, enumera quais os direitos do membro do Partido. É significativo que os direitos dos comunistas brasileiros figuram em sua Carta Magna logo em seguida à definição do Partido, dos seus objetivos e tarefas principais, em seguida ao importantíssimo artigo 2º, que estabelece as condições para ser membro do Partido, e aos deveres que tem o membro do Partido.

Não se pode ver separados os deveres e direitos do militante comunista. Os direitos decorrem dos deveres e a estes se ligam intimamente. Os direitos dos comunistas são a expressão viva da democracia interna do Partido.

Os Estatutos, por exemplo, asseguram aos membros do Partido participar da discussão livre e responsável, nas reuniões e na imprensa do Partido, dos problemas da política do Partido. Que outro partido concede tal direito a seus membros? Tomemos indistintamente os partidos das classes dominantes em nosso país, mesmo aqueles que se voltam para as massas trabalhadoras a fim de mais facilmente enganá-las, como o PTB, o PSP ou o PSB. Como atuam esses Partidos? Suas reuniões são feitas a portas fechadas, com a participação apenas da cúpula dirigente. As colunas de sua imprensa não se abrem ao debate da política que adotam. E isto não acontece por acaso. Isto acontece porque os partidos das classes dominantes são corolados por interesses de grupos antagônicos, refletem em suas fileiras as contradições internas da classe a que pertencem. Quadro inteiramente oposto é o que se passa nas fileiras do Partido Comunista. Os membros do Partido usam livremente do direito de debater os problemas da política do direito de debater os proble-

Partido, participam da elaboração da sua linha política. Típico dessa realidade é a ampla utilização feita pelos comunistas das colunas da imprensa do Partido em todo o Brasil, para debater o Programa e os Estatutos do Partido e levantar problemas ligados à realização do IV Congresso.

Outro direito assegurado nos Estatutos é o da elegibilidade dos membros do Partido. Todo comunista pode eleger e ser eleito para os organismos dirigentes do Partido. Nas fileiras do Partido, o que eleva o militante no conceito dos seus companheiros de ideal e de luta é o trabalho abnegado pela aplicação da linha e das resoluções e diretrizes do Partido. Aquela que trabalha com mais acerto, que demonstra um mais alto grau de consciência e de responsabilidade na realização prática das idéias do Partido, é o que se mostra mais apto a ocupar os postos de maior responsabilidade. No Partido da classe operária o militante vale pelo que faz e não porque contraiu certos méritos no passado e pode, assim, dormir sobre os louros. Por isso todo e qualquer militante tem o direito de eleger e ser eleito para os organismos dirigentes do Partido.

Criticar, nas reuniões do Partido, a qualquer dos seus membros — é outro direito reconhecido nos Estatutos. Mas esse direito também figura no capítulo dos deveres e dele não está isento nenhum membro do Partido, pois no Partido do proletariado não há os do alto e os de baixo. Há uma só e única disciplina obrigatória para todos.

Muitos comunistas não adotam uma posição justa ante o problema da crítica e da autocrítica, pensam que estas, quando saem dos limites dos círculos partidários e se tornam públicas, prejudicam o Partido. A clássica resposta de Stálin a Gorli, quando este, em carta, manifestava tal receio, dizia que a crítica poderia servir de arma à propaganda do inimigo, dá aos comunistas a convicção de que para se livrar dos erros Conclui na 2ª página

9 Espírito de camaradagem — O respeito não exclui a camaradagem. As idéias e a luta identificam as pessoas. Quem pode ser mais nosso amigo que um camarada de luta? O comunista não substitui as posições de princípio pelas relações de amizade, não confunde companheirismo com compadrismo nem pleiteia para si a «melhor» tarefa. O melhor amigo é aquele que critica lealmente nossas debilidades, sem espírito de competição, mas com espírito de ajuda. Se somos às vezes mais capazes para uma tarefa, entretanto não o somos para outra. A justa posição nesse particular é procurar aprender com todos e ensinar a todos.

10 Ser veraz, sincero e honesto para com o Partido — Nada pode causar maior mal ao Partido que o exagero, o baluartismo. O baluartismo induz o Partido a raciocinar sobre bases falsas, leva o Partido ao erro. O comunista, além de falar a verdade, não tem segredos para com o Partido.

11 Ser otimista — Jamais houve otimista maior que Lênin. Nos mais difíceis momentos, quando a sorte da revolução pendia de um fio, Vladimir Ilitch confiava na vitória. Devemos seguir o exemplo do grande gênio da Revolução: confiar na vitória da Revolução e no êxito de nossas tarefas. Devemos repelir os pessimistas que vêem tudo negro, e ser também contra os que vêem tudo «cor de rosa». É necessário ter calor, paixão pela causa que abraçamos. Sem entusiasmo não se leva a termo uma tarefa tão grandiosa e complexa como a revolução social. O otimismo e a força de vontade são características dos comunistas. Ninguém teve mais força de vontade do que Stálin, do que seus fiéis companheiros de armas: Dzerjinski, Khrov e outros. Nas fileiras do Partido da classe operária não há lugar para os pusilânimes. Capitular ante as dificuldades é incompatível com a condição de membro do Partido revolucionário do proletariado.

Eis em síntese alguns elementos componentes da moral do Partido. Pensamos que explicando desse modo o que é moral do Partido, respondemos à pergunta do leitor e o ajudamos, assim, a assimilar melhor os Estatutos que, com toda razão, estabelece medidas contra os infratores da moral do Partido.